



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE
MATO GROSSO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DEP. ESTADUAL RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGEII



EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE

O CÉU DO POVO MANOKI E SEUS ENSINAMENTOS SOBRE A TERRA

Barra do Bugres - MT

2022



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE
MATO GROSSO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DEP. ESTADUAL RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGEII



EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE

O CÉU DO POVO MANOKI E SEUS ENSINAMENTOS SOBRE A TERRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGEII), Nível Mestrado Profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT) Campus Universitário “Dep. Est. Renê Barbour”, de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de Pesquisa: Ensino, Docência e Interculturalidade

Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho

Barra do Bugres - MT

2022



FICHA CATALOGRÁFICA

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

M263o MAMPUCHE, Edivaldo.
O Céu do Povo Manoki e Seus Ensinamentos Sobre a Terra /
Edivaldo Mampuche – Barra do Bugres, 2023.
61 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em
Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural
Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado
de Mato Grosso, 2023.
Orientador: João Severino Filho

1. Manoki. 2. Saber e Fazer. 3. Etnomatemática. 4.
Marcadores de Tempo. I. Edivaldo Mampuche. II. O Céu do Povo
Manoki e Seus Ensinamentos Sobre a Terra: .
CDU 37+572.95



FOLHA DE APROVAÇÃO

EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE

O CÉU DO POVO MANOKI E SEUS ENSINAMENTOS SOBRE A TERRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), Nível Mestrado Profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT) Campus Universitário “Dep. Est. Renê Barbour”, de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Aprovado em 23 de novembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



JOAO SEVERINO FILHO

Data: 10/04/2023 22:37:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Severino Filho (PPGECII/UNEMAT)
Orientador

Documento assinado digitalmente



ADAILTON ALVES DA SILVA

Data: 11/04/2023 22:04:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva (PPGECII/UNEMAT)
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente



SINVAL DE OLIVEIRA

Data: 11/04/2023 14:33:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Sinval de Oliveira (UFT)
Examinador Externo

Barra do Bugres - MT
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Inuli (Deus), pela saúde e pela proteção em toda a minha caminhada e pela saúde dos meus filhos; a minha querida avó Aureliana Atusi, que ajudou ou me criou e até hoje me causa comoção. Sem ela não estaria aqui nesse mundo acadêmico. Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. João Severino Filho, pelas contribuições e reflexões em minha pesquisa e pela sua paciência, muitas vezes me passou tranquilidade e transformou minha angústia em um jeito fácil de resolver os desesperos de pesquisa; agradeço à FAINDI – Faculdade Indígena Intercultural e todos os professores e professoras que ali passaram ou estão e que acreditam e lutam pela educação específica e diferenciada. Sem essa especificidade ao lidar com os estudantes indígenas dificilmente chegaria até aqui. Meus agradecimentos aos anciãos do povo Manoki, que ao ingressar na Faculdade em 2011 sempre estive próximo deles para ouvir histórias, perguntar e aprender, e agradecer principalmente ao Cacique Manoel Kanuxi, minha avó, Maria Angélica Kamunsti, minha madrinha de batismo na igreja católica, Rosinês Kamunu, meu avô, Luiz Tamuxi, meus pais, Lourenço Inácio Janaxi e Maria Angelina Kamunsti, estes fizeram parte diretamente da minha pesquisa e foram fundamentais nesse processo.

RESUMO

Este trabalho traz uma investigação sobre os marcadores de tempo Manoki e registra as histórias, aprendizados, observações, rituais e festas culturais para a compreensão do universo Manoki e sua localização no tempo e no espaço. Por meio de estratégias de registro relaciono as concepções sobre o tempo, espaço e ritual, percebendo como os Manoki através da observação do céu e da natureza se orientam. Como consequência do aprendizado das histórias ouvidas e práticas vivenciadas, olham para o céu à noite e conseguem fazer uma leitura, compreendendo tudo que precisam para viver no tempo e no espaço. Esta análise leva a consideração da perspectiva nativa dos Manoki, as transformações em seu mundo e o papel que esses registros têm para esse povo. Este trabalho fortalece os saberes e fazeres ancestrais, fazendo com que estes sejam consolidados entre os mais jovens, para o fortalecimento dos modos de existência do nosso próprio povo. Através dessa pesquisa, podemos trabalhar as áreas do conhecimento em suas diversas formas, seja na observação das estrelas, do céu e dos marcadores de tempo, seja na feitura de casas, roças e assim por diante. Além de marcadores de tempo, existem os códigos e sinais aprendidos no ambiente, esses são percebidos pelo canto de uma ave, pela formação de auréola lunar ou solar, ou ainda alterações nas cores do sol ao final da tarde. Esses códigos, por muitas vezes, para os Manoki podem ser agouros, relacionados que alguém pode ficar doente ou até mesmo falecer.

Palavras-chave: Manoki; Saber e Fazer; Etnomatemática; Marcadores de tempo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA DAS TERRAS INDÍGENAS DO POVO MANOKE	8
FIGURA 2 - ATIVIDADES NA MISSÃO ANCHIETA.	13
FIGURA 3 - FICHA DE CONTROLE DE ENTRADA E SAÍDA DE PESSOAS DO TI IRANTXE	25
FIGURA 4 - MULHERES PREPARAM ALIMENTOS E MATERIAIS UTILIZADOS DURANTE O JOGO	28
FIGURA 5 - DONOS DAS FESTAS, ADVERSÁRIOS, TROCANDO AS FLEXAS	29
FIGURA 6 - JOGO DE CABEÇABOL	30
FIGURA 7 - MAMJU’U - MÃE DO CAMPO	32
FIGURA 8 - JOSI, O TATU QUE ESCONDIA O DIA	35
FIGURA 9 – OS TATUS PIMJÁSI E PYPY	36
FIGURA 10 - O MENINO MANHOSO QUE ACHOU O SOL	37
FIGURA 11 - O ARCO-IRIS NO SOL.....	41
FIGURA 12 - CALENDÁRIO ANUAL MANOKI	46
FIGURA 13 - MANOKI MARCANDO O TEMPO COM UMA CORDINHA DE TUCUM	50
FIGURA 14 - INDÍGENA MANOKI USANDO O XIRETY	51
FIGURA 15 - POSIÇÃO DO SOL E SUA INDICAÇÃO DE TEMPO.....	54
FIGURA 16 - CIPÓ TIMBÓ, UTILIZADO NA PESCARIA	55
FIGURA 17 - A PESCARIA COM TIMBÓ	56
FIGURA 18 - CRIANÇAS TOMANDO BANHO NO Córrego São Domingos	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	12
AUTOBIOGRAFIA COMENTADA PELO AUTOR	12
<i>A Família e os primeiros ensinamentos.....</i>	<i>12</i>
<i>A Educação Escolar</i>	<i>13</i>
<i>O contato com a escola não indígena</i>	<i>17</i>
<i>Paternidade precoce</i>	<i>17</i>
<i>A formação da carreira docente</i>	<i>19</i>
CAPÍTULO 3	24
DIFICULDADES E SUPERAÇÕES PARA REALIZAR A PESQUISA.....	24
CAPÍTULO 4	28
HISTÓRIAS DA COSMOLOGIA MANOKI	28
<i>Jogo de cabeçabol – Ājali Pīpi</i>	<i>28</i>
<i>Mamju’u - Mãe Do Campo.....</i>	<i>30</i>
<i>Josí, o tatu que escondia o dia</i>	<i>35</i>
<i>O Menino Manhoso.....</i>	<i>36</i>
<i>Visita no céu.....</i>	<i>38</i>
<i>Arco íris no sol</i>	<i>40</i>
<i>Morreu? A cabeça é para leste ou oeste?</i>	<i>42</i>
<i>A origem dos nomes tradicionais do povo Manoki</i>	<i>42</i>
<i>A onça que pegou uma criança e um tição de fogo</i>	<i>44</i>
CAPÍTULO 5	45
OS MARCADORES DE TEMPO MANOKI	45
<i>Marcadores de tempo terrestre Manoki.....</i>	<i>47</i>
<i>Marcadores de tempo terrestre Manoki.....</i>	<i>47</i>
<i>Marcadores de tempo celeste Manoki.....</i>	<i>48</i>
<i>Marcadores de tempo instrumentais do Povo Manoki</i>	<i>50</i>
<i>Sinais e codificações do tempo para o Povo Manoki</i>	<i>52</i>
<i>Orientação pelo sol</i>	<i>54</i>
<i>Pesca artesanal com timbó</i>	<i>54</i>
<i>Tempo das crianças – poção</i>	<i>57</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	60
FONTES PRIMÁRIAS	61

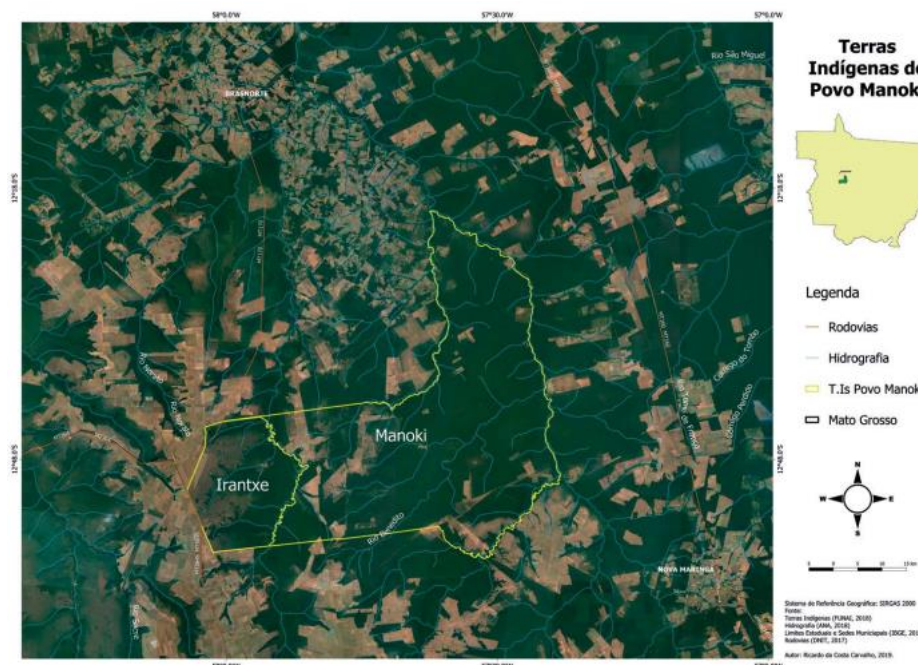
PRODUTO PEDAGÓGICO	62
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	62
<i>Introdução</i>	<i>65</i>
<i>José, o tatu que escondia o dia</i>	<i>67</i>
<i>O Menino Manhoso que descobriu o sol</i>	<i>77</i>

INTRODUÇÃO

Informações Gerais

O Povo Manoki, também conhecido pela sociedade nacional como Irantxe, se localiza no noroeste do Estado de Mato Grosso, no Município de Brasnorte, na Terra Indígena Irantxe. Dentro do território, há duas aldeias que são maiores, a comunidade do “Paredão”, que soma uma população de 100 pessoas, e a aldeia do “Cravari”, com 177 pessoas (dados da última atualização do censo local de saúde indígena em 2021), (Veja na Figura 1). As demais comunidades são menores e contam com as seguintes populações: “Asa Branca”, com 22 pessoas, “Recanto do Alípio”, com 28 pessoas, “Perdiz”, com 23 pessoas, “12 de Outubro”, com 17 pessoas, “Cachoeirinha”, com 33 pessoas e “13 de Maio” com 26 pessoas, totalizando uma população de 426 pessoas, que constantemente oscila devido aos nascimentos, mortes e deslocamentos em consequência de casamentos Interétnicos e mudanças de aldeia.

Figura 1 - Mapa das terras Indígenas do Povo Manoke



Fonte: Recorte do protocolo de consulta do Povo Manoki – 2019.

O idioma do Povo Manoki não tem nenhum parentesco com outras famílias ou troncos linguísticos indígenas existentes. Atualmente temos cinco falantes de nossa língua materna, Luiz Tamuxi, com idade estimada em 87 anos, Maria Angélica Kamuntsi, com idade estimada em 101 anos, Regina Jalapojtasi, com 64 anos, Elias Xinuxi Irantxe, com 69 anos, e Manoel

Kanunxi, com 70 anos. Lourenço Inácio Janaxi, que tem 53 anos, também consegue falar algumas frases, e assim como ele, há pessoas que compreendem a língua falada, mas não são considerados falantes.

O povo Manoki mantém seus modos de existência vivos, com seus cantos-danças ancestrais, mantendo a confecção de artefatos, cultivando suas roças, praticando o ritual da furação do nariz quando o rapaz é iniciado, fazendo oferecimento de alimentos aos espíritos, como forma de agradecimento pela fartura na roça, saúde, caça e pesca. Além disso, as tomadas de decisões referentes ao território e à saúde e educação comunitárias sempre são discutidas de forma coletiva de maneira a construir consensos.

Dentro do território temos a Associação Watoholi e a Associação Manoki Pyta: a primeira significa “todos juntos” ou “todos unidos”, a segunda significa “forte”, “força” e “resistência”. Essas organizações institucionais têm legalidade para representar o povo e buscar alternativas de geração de renda, captar recursos de projetos, apoiar a luta pelo território, saúde, educação e buscar a autonomia do povo. Temos ainda a Agropecuária Manoki, responsável pela gestão de trabalho agrícola no território, pois o povo tem uma lavoura mecanizada de 1.000 hectares, onde planta soja e milho. Todos os anos uma parte da produção é vendida e as famílias são beneficiadas igualmente, recebendo proporcionalmente seus respectivos valores em dinheiro.

Os Manoki tem um plano de gestão elaborado em parceria com a Opan (Operação Amazônia Nativa), em 2015, e um protocolo de consulta construído em 2020 com a participação da escola, envolvendo os professores e professoras, alunos e alunas do ensino fundamental e ensino médio.

Sobre a pesquisa

O título “O céu do povo Manoki e seus ensinamentos sobre a terra”, surgiu da discussão com o meu orientador, João Severino Filho. Inicialmente pensava que poderia ser algo como “Os marcadores de tempo celestes do povo Manoki”, mas de fato não são apenas marcadores celestes, porque alguns acontecimentos no céu refletem atividades aqui na terra. Foi então que decidi colocar um título que trata da astronomia observada no céu, pela qual as pessoas se orientam aqui na terra.

Muitas reflexões propostas nesta pesquisa são tentativas de compor uma narrativa a partir de diálogos entre situações diferentes sobre a compreensão do tempo por meio do espaço em que o povo Manoki vive. Também busco, no presente estudo, fortalecer uma

relação maior de proximidade entre os jovens e os anciãos, através desses aprendizados e ensinamentos culturais, trazendo também para a comunidade a construção do conhecimento aqui produzido.

Pretendo utilizar como método nessa pesquisa o registro de histórias e entrevistas por meios audiovisuais, as observações participantes de situações cotidianas, assim como de rituais e festas culturais, sobretudo dos anciãos que ainda existem no Povo Manoki. Há apenas três anciãos que dominam esses saberes/fazeres ancestrais, e este registro audiovisual será um instrumento fundamental para explicar a compreensão dos Manoki sobre o céu, como se orientam no tempo, como realizam seus rituais observando o tempo chuvoso e a seca através das estrelas, a posição da lua e as diversas conexões que existem com os acontecimentos aqui na terra, bem como o nascimento de pássaros, o aparecimento de flores, os cantos de pássaros ou de cigarras.

A cultura é dinâmica, por essa razão é importante buscar uma investigação dos saberes e fazeres ancestrais do povo Manoki e a compreensão da sua cosmologia, para que esses traços culturais não sejam desvalorizados pela entrada de conhecimentos de outras culturas.

Esta compreensão do céu por meio das estrelas demanda a abordagem de diferentes áreas do conhecimento. Podemos citar como exemplo, o surgimento de uma estrela (Alolimaxi), que explica o motivo pelo qual os Manoki usam hoje o arco e a flecha, ou, a posição da karênta jawa (sete Marias), a qual indica a época certa de nascimentos de algumas aves, como arara, papagaio e periquito.

Neste sentido, a interação com diferentes áreas do conhecimento e os saberes originários do povo trará uma compreensão de como se explica a temporalidade para os Manoki a partir desta leitura cosmológica, fazendo uma comparação do calendário ocidental e as diferentes formas de contar o tempo.

Utilizaremos a etnomatemática, na perspectiva da Ecologia dos Saberes, para a compreensão dos saberes e fazeres desses conhecimentos milenares do povo, seja pela orientação no tempo ou sua construção de conhecimentos nas relações com o ambiente para as suas vivências. Queremos compreender também as formas de aquisição de conhecimentos dos anciãos e a assimilação desses ensinamentos culturais aos jovens Manoki, bem como as suas formas de uso.

A organização da dissertação

O texto está organizado em cinco capítulos, o primeiro trata da minha autobiografia, onde trago minha trajetória de vida e o acesso à escola desde a infância até a academia, enfatizando a importância de minha avó materna em meu aprendizado e sua vida difícil quando adolescente por falta de alimentação.

No segundo capítulo, descrevo a forma como a faculdade tem me ajudado em minha carreira profissional e os seus principais objetivos, que são o fortalecimento da escola indígena e a afirmação das identidades indígena dos povos que a frequentam. Falo de uma das diversões do povo Manoki, que é o jogo de bola de cabeça (Ājāli Pypi), e como no passado as aldeias distantes marcavam os seus jogos, uma vez que não havia meios de comunicação tecnológicos, como a internet ou o rádio.

O terceiro capítulo traz as dificuldades de pesquisa, devido ao rápido avanço da COVID-19 e a contaminação do meu principal entrevistado, que ficou meses internado, e mesmo voltando para a aldeia não estava animado para a minha pesquisa, porque sua esposa continuou no hospital (sua situação foi mais grave e ela acabou ficando com sequelas). Depois descrevo as histórias Manoki que explicam a formação de algumas estrelas, como os Manoki aprenderam a fazer o arco e a flecha, para onde as almas das pessoas vão quando alguém morre e o descobrimento do dia, o que significa um arco íris no sol ou lua e o debate sobre qual lado da cabeça se enterra uma pessoa, se é para o leste ou oeste.

No quarto capítulo, apresento uma explicação sobre os marcadores de tempo Manoki, os marcadores de tempo terrestres, marcadores de tempo celestes e os marcadores de tempo instrumentais, de acordo com a perspectiva de Severino-Filho (2015) que trabalhou sua pesquisa com o Povo Apyãwa, fazendo essa interpretação. Explico sobre os sinais e codificações do tempo para os Manoki, que são os sinais percebidos no ambiente e que avisam sobre os cuidados que devemos ter. Trago os conceitos na língua materna usados pelos anciãos para marcar a posição do sol, saber a hora de ir para a roça, de voltar da roça, o tempo em que as crianças podiam brincar no terreiro, a hora de estar dentro de casa, e assim por diante.

Dessa dissertação temos um produto pedagógico, “histórias em quadrinhos” do tatu Josi que escondia o dia e o menino manhoso que descobriu o sol. Os desenhos são da Sílvia Suellen Kerival, aluna do 1º ano do ensino médio, do Josinei Romolo Maty.y, aluno do 2º ano do ensino médio e uma ex-aluna, Edilza Luiara Kamembia, estudante de enfermagem.

CAPÍTULO 1

AUTOBIOGRAFIA COMENTADA PELO AUTOR

Eu sou o filho mais velho de minha família, quando nasci, no dia nove de outubro de 1986, meu pai tinha 22 anos e minha mãe tinha 20. Eles moravam e continuam morando na aldeia Cravari, situada na Terra Indígena Irantxe, município de Brasnorte, Mato Grosso. Eu nasci em Cuiabá, capital do Estado, onde fiquei apenas uns dias e logo retornei a minha aldeia.

Como quase toda mãe de primeira viagem, minha mãe não conseguia me amamentar, os seios dela criaram ferimentos e era impossível me alimentar com o seu leite materno. Minha avó materna, Aureliana Atusi, se encarregou de cuidar de mim: todos os dias ela buscava cana em sua roça, e, em sua moenda manual de moer cana (feita por ela mesma de madeira), preparava a garapa que seria minha alimentação. Principalmente durante a noite, eu chorava muito por não conseguir mamar no peito da minha mãe.

Aos poucos fui crescendo, com os cuidados da minha avó. Ela sempre me defendia e me levava para a roça quase todos os dias. Era necessário buscar diariamente algo na roça para a alimentação, principalmente para beber. A principal opção era a garapa e era necessário buscar a cana diariamente.

A Família e os primeiros ensinamentos

Quando cresci fui responsável de cuidar de, pelo menos, três irmãos; era uma criança cuidando da outra. Era um cuidado rígido, minha mãe não podia ouvir minha irmã chorando, que eu já levava uma bronca ou mesmo apanhava. Eu também era responsável por lavar a louça, na época a nossa esponja era uma espécie de capim com várias folhas finas e compridas. Como era muito difícil retirar a gordura das panelas, eu sempre voltava umas três vezes no rio para deixar as vasilhas bem limpas. Depois que minha mãe fizesse uma vistoria, eu sempre sofria algumas punições por não ter retirado bem a gordura das vasilhas.

Minha mãe era muito brava e exigente, todos os dias eu tinha um serviço: além de cuidar dos irmãos menores e lavar as vasilhas no córrego, eu tinha que capinar o terreiro. Por vezes, para eu fugir desses trabalhos, eu sempre ia mergulhar para matar peixe. Eu acreditava que fugia, mas, na verdade, quando eu chegava, o serviço estava lá me esperando, porque tinha que ser realizado.

Às vezes fico pensando e comparo a minha forma de educação com a educação dos meus irmãos, que foi totalmente diferente da minha. A minha educação foi muito rígida, sofri quando criança, mas consegui crescer respeitando as pessoas, não fumando e não bebendo bebidas alcoólicas na adolescência. Então consegui ser uma pessoa que respeita as outras, que estudou e não se juntou com pessoas que faziam malandragens com criações de outras famílias. Eu jamais dormi em casa de outros colegas, porque meus pais não deixavam.

Minha avó Aureliana sempre me dava atenção e carinho, ela era atrapalhada no português, porque falava fluentemente a língua materna com meu avô, mas eu entendia muito bem o seu português e também o que ela falava na língua materna comigo. Ela me defendia e não gostava que minha mãe batesse em mim. Foi com ela que aprendi que não se deve bater em criança sem motivos: ela dizia que existem espíritos que levam a alma da criança embora, porque os pais não estão cuidando como devem. Quando esses espíritos veem uma criança sendo maltratada, eles pegam a sua alma e logo a criança fica doente e morre. Nesses casos nem os médicos descobrem a doença.

A Educação Escolar

Em 1972, os Manoki retornaram para o Território Indígena Irantxe, depois de ficar mais década no internato de Utiariti, o local também era chamado de “escola dos padres” ou “missão Anchieta”, neste lugar teriam ido para buscar abrigo e proteção nas duas décadas anteriores.

Figura 2 - Atividades na Missão Anchieta.



Fonte: Arquivo OPAN, década de 60.

Algumas famílias Manoki ao retornar para o seu território se instalaram em uma local chamada Guaporé, este local hoje se chama aldeia Asa Branca, lá mora o cacique geral do povo Manoki, Manoel Kanuxi.

Neste local depois de desativar o internato de Utiariti vieram trabalhar as Irmãs da Imaculada Conceição, para continuar os ensinamentos escolares que os Manoki recebiam quando estavam no internato. Logo alguns Manoki passaram a dominar mais conhecimentos e, mais tarde, passaram a ministrar aulas às crianças da aldeia.

Os ensinamentos conduzidos pelos professores Manoki eram no mesmo formato das irmãs e padres, porque eles tinham estudado no colégio dos padres: eles aplicavam castigos nas crianças, que iam desde ficar ajoelhados com o nariz encostado na parede, até a palmatória (com a palma da mão aberta recebiam umas reguadas), ou puxões de orelha.

Eu me lembro dos meus dois primos levando a palmatória e tendo suas orelhas puxadas. Eram seus pais que estavam dando aula, e por eles não conseguiam fazer a atividade proposta, recebiam o castigo. Eu não me lembro de ter sofrido alguma dessas punições. Pode ser que eu já apanhava demais em casa e os espíritos me protegiam ali dentro da sala de aula. Meus primos não continuaram os estudos infelizmente, um chegou ao ensino médio, mas não completou e o outro tem o ensino fundamental incompleto.

Em 1995, a Escola Municipal Indígena de Educação Básica Cravari, que fica na aldeia de mesmo nome, foi reconhecida pela prefeitura de Brasnorte. Já havia muitos moradores na comunidade e a escola foi construída de madeira, com uma sala para atender alunos de 1ª a 4ª série no mesmo período. A escola tinha uma cozinha e uma sala para guardar o material escolar.

Nessa época, me matriculei e comecei a estudar em uma escola que tinha sido recentemente reconhecida e tinha merenda escolar. Eu já tinha nove anos, e nesse mesmo ano fiz uma prova de reclassificação, na qual passei da 1ª série para a 2ª série no mesmo ano, por ter um pouco mais de domínio escolar que os colegas do mesmo ano.

Por necessidade, tive que sair com meus pais para um local dentro do próprio território, chamado 15 de Agosto. O trabalho seria a extração do látex da seringueira e fazer borracha. Este lugar fica a cerca de 12 km de distância da aldeia Cravari e o único meio de transporte que dispúnhamos às vezes era a bicicleta, a maior parte do tempo andávamos somente a pé.

Lembro que acordava cedo e ia acompanhar meu pai para cortar os pés de seringa. Pela manhã, a gente tinha apenas o açúcar queimado para beber: colocávamos o açúcar em uma panela e esperávamos ele derreter, quando derretia colocávamos a água e estava pronto.

Tínhamos apenas arroz, sal e banha de porco, mas às vezes nem banha de porco, daí tínhamos que cozinhar o arroz sem o óleo. A carne a gente tinha quando matávamos uma pomba, um jacu, uma cotia ou uma paca, entre outros animais.

A borracha depois de prensada era entregue aos padres que a levavam para vender na cidade de Diamantino. Depois compravam mercadorias, traziam para a aldeia e entregavam aos seus donos. Às vezes o próprio padre, chamado Arlindo, já tinha algumas mercadorias em sua casa e trocava com os Manoki pela borracha.

Logo voltamos para aldeia novamente e meu pai passou a trabalhar na fazenda, e eu voltei para a escola também.

Em 1998, comecei a sentir dores no joelho e logo não conseguia mais andar. Fui levado para a cidade mais próxima, que era Brasnorte, na qual chegávamos por uma estrada de chão que tinha 100 km – demorava uma eternidade. Fiz os exames e viram que eu tinha várias complicações, uma delas era a tuberculose, mas as dores na perna ainda não tinham sido diagnosticadas.

Coloquei um dreno no pulmão direito para retirar o excesso e tive que ser levado para outra cidade, Tangará da Serra, para onde fui de avião pequeno. Mais tarde fiquei sabendo que para funcionarem o avião tiveram que girar a hélice para funcionar. De Tangará da Serra fui de ambulância para Cuiabá, aonde iria para o pronto socorro de um hospital, mas vendo a minha situação já procuraram uma vaga na UTI no hospital geral.

Parecia que eu estava bem, mas por outro lado estava ciente de que quem vai para a UTI é porque realmente está muito mal e pode não resistir. Eu estava tranquilo e, mesmo quando fui para lá e tive que ficar com o balão de oxigênio, eu não tinha medo de morrer.

Em Cuiabá, já havia pessoas que trabalharam na Funai atuando na saúde quando foram para a aldeia e meus pais os conheciam. Essas pessoas foram fundamentais para o meu atendimento e pela ajuda aos meus pais. A comunicação com a aldeia era apenas mandando recado na Rádio Nacional de Brasília ou fazendo ligação pelo orelhão. Muitas pessoas ficavam sintonizados ouvindo a rádio para saber de notícias e logo todos na aldeia ficavam sabendo.

Eu tinha febre de 40 graus que não diminuía e eu chegava a delirar, via meu primo e minha professora no quarto e ficava falando com eles. Quando me viam naquela situação, as enfermeiras diziam que não tinha ninguém, mas eu insistia que eles haviam se escondido atrás da porta.

Tive que colocar outro dreno no pulmão esquerdo, minha coxa esquerda estava inchada e parecia ter pus. Descobriram depois que era necessário colocar um dreno na coxa, mas isso não adiantou porque meu problema era no osso, então foi necessária uma cirurgia para retirar o pus que estava dentro do osso.

Fiquei um mês da UTI, meus pais se revezavam para poder ficar comigo, passavam a noite sentados numa cadeira que não era confortável. Depois que fui para a pediatria, fiquei mais 11 dias, lá retirei os dois drenos, mas logo tive que colocar novamente outro dreno no pulmão direito, pois ainda não havia me curado.

Na aldeia, minha avó Atusi chorava todo final de tarde, num choro ritual Manoki que todos na comunidade ouviam. Ela dizia que não era para eu partir (morrer) antes dela, que ela que deveria ir e que eu precisava voltar para ela na aldeia.

Quem me contou essa história foi a minha avó paterna, Maria Angélica Kamuntsi. Desde que saí da aldeia para uma primeira consulta e fiquei na cidade até receber alta do hospital, acredito que foi praticamente um ano fora da aldeia. Neste tempo no hospital conheci muitas pessoas fantásticas, que realmente faziam o seu trabalho com dedicação e amor, gostavam muito de mim e dos meus pais. Ganhei muitos presentes, compravam materiais escolares e eles me ensinavam também, já que eu estudava e não podia estar em sala devido àquela situação.

Eu me lembro muito bem quando estava na sala da UTI e na janela eu podia ver uma bandeira do Brasil estendida em um prédio muito alto em Cuiabá. Era a copa do mundo de 1998, e lembro que o Brasil perdeu na final para a França. Minha mãe foi assistir com as enfermeiras o jogo e quando acabou elas chegaram chorando, por conta da nossa seleção ter perdido.

Depois de receber alta, fui para a chácara da Funai, onde a saúde indígena era atendida. Depois de um tempo fui para aldeia, todos vieram me ver, minha avó me deu um abraço e eu pude ouvir seu choro mais uma vez, misturado entre lágrimas, falas na língua materna e choro. Esse é momento que o seu emocional não aguenta, te domina e te faz chorar também.

Passados poucos meses, minha avó adoeceu e foi para Tangará da Serra. Parecia que ela estava me esperando chegar mesmo. Ela não teve melhoras e foi para Cuiabá, mas voltou sem aquele seu sorriso, sem aquele seu choro, sem seus ensinamentos e sem o cuidado que tinha com o seu neto. Ali eu perdia a minha mãe avó, de quem até hoje sinto saudades, ao lembrar-me dela me pego em lágrimas, mas eu devo seguir com meus planos, estudar, ter um emprego, trabalhar para a comunidade e sempre ajudar o próximo, isso que ela sempre me ensinou, porque o plano dela já era outro.

O contato com a escola não indígena

Em 2000, quando precisava cursar a 5ª série, tive que sair da minha aldeia e morar na aldeia Asa branca para estudar em uma escola não indígena que fica em uma vila a 35 km de distância da nossa aldeia. Todos os dias acordava às cinco horas em ponto da manhã para andar cinco quilômetros de distância e esperar o ônibus passar para ir à escola. Este mesmo ônibus passava em outras fazendas para levar outros alunos e alunas não indígenas.

No ano seguinte, o ônibus já descia até a aldeia para nos buscar e levar até a escola, e em 2003 conseguimos um ônibus escolar que vinha até na Aldeia Cravari, onde morava e moro atualmente. Este transporte ficou na própria aldeia saindo às quatro horas da manhã diariamente.

Paternidade precoce

No ano de 2001, eu tinha apenas quinze anos de idade, estava indo de carro com meus pais em outra aldeia, quando minha mãe disse ao meu pai que estava surgindo um comentário na comunidade que uma menina estava grávida e estavam falando que eu era o pai. Fiquei sem reação e sem saber o que dizer, nem lembro o que meu pai disse no momento.

Sei apenas que os pais da menina eram bravos e não gostavam da minha pessoa, ou melhor, dos meus familiares. Sabia que eu iria enfrentar desafios e não estava preparado naquele momento, era muito jovem com pouco conhecimento sobre as coisas da vida.

No dia 21 de Junho de 2002, nasce a minha filha, que passou a se chamar Patiara Inês Tipjusi. Eu sabia que não podia vê-la e nem imaginava como seria o reconhecimento dessa minha primeira filha. Um dia, quando a gente estava em uma reunião para falar sobre a demanda da escola e eu já participava falando algumas coisas, me lembro que uma senhora chamada Domitila (falecida em 2020) pegou a minha filha e trouxe até o meu colo. Eu estava sentado bem na frente de todos na sala da reunião, apenas fiquei olhando para aquela criança sem ter reação alguma. Foi uma experiência ruim ser pai aos 15 anos, não poder ver a filha,

não ter uma preparação, não ter como ajudar. Depois fui fazer o registro dela e fomos levando a vida. Continuei estudando até terminar o ensino fundamental completo.

Lembro-me de um trabalho que fiz e me marcou de uma forma triste e de superação. Me submeti a um serviço em 2001 para capinar o terreiro do pátio da sede da fazenda e limpar um espaço da horta. Trabalho para o qual eu recebia apenas cinco reais a diária. Nesse tempo, muitos Manoki trabalhavam nas fazendas, sendo explorados ao vender a sua força de trabalho, faziam serviços braçais.

Ninguém trabalhava colhendo ou plantando, nem sequer dirigiam algum trator, somente descarregavam as carretas com adubo ou calcário, abasteciam as plantadeiras com adubo e sementes de soja, pegavam pedaços de toco no solo. Nessa época de plantio nessas grandes plantações a aldeia ficava vazia, ficava triste porque os homens saíam para trabalhar, era um silêncio.

De 2003 a 2005 eu trabalhava na fazenda no período de recesso escolar, já queria ter a minha independência e me submeti ao trabalho de matar formigas nas grandes plantações de soja. Trabalhei descarregando adubo em sacos de 60 kg das carretas, eu quase nem aguentava e deve ser por isso que minha coluna hoje não aguenta pegar muito peso. Trabalhei também de rabicheiro ou badeco, era a gíria naquele momento para chamar a pessoa que trabalhava em cima de uma plantadeira e cuidava do adubo e soja para cair no solo e não ter falha

No Início do ano de 2004, eu estava na casa da minha mãe dormindo, era umas oito horas da manhã quando acordei e vi Dulcilene de costas, parada em frente ao espelho penteando os cabelos. Ela é a mãe da minha filha. As meninas iam jogar bola e ela havia passado ali com minha irmã. Começamos a conversar e ela permaneceu ali, não quis ir embora e ficou até à tarde. Sua mãe mandou alguém chamar, mas mesmo assim ela continuou na casa da minha mãe e falou que não iria mais embora, ela ficaria ali.

No finalzinho da tarde, sua mãe chega e briga com ela, leva-a embora puxando seus cabelos. Eu me senti culpado e ao mesmo tempo não tive como fazer nada, mais tarde em sua casa seu irmão mais velho briga com ela, batendo muito nela. Ela corre para a casa da minha madrinha de batismo na igreja católica, e à noite minha madrinha pede para Dulcilene ir para a casa da minha mãe e que ficasse logo comigo para parar a bagunça.

Dulcilene chegou à casa da minha mãe sem seus pertences, teve que emprestar roupas de outras colegas e aos poucos fomos estabilizando nossa situação. As roupas que ficaram na casa da sua mãe não saíram de lá, porque ela não deixou levar.

Neste mesmo ano de 2004, fui estudar o ensino médio na cidade de Brasnorte, na sede do nosso município mesmo. Ficávamos em um lugar bem afastado do centro da cidade e a casa não tinha energia. Fiquei apenas duas semanas e retornei para a aldeia, não consegui permanecer ali estudando.

A formação da carreira docente

No ano seguinte, a comunidade me escolheu para cursar o ensino médio magistério Intercultural, formação de professores indígenas no Projeto Haiyô, que na língua do povo Nambikwara significa “bom”, “tudo de bom” e “eu quero aprender”.

De acordo com o site da Sefaz – Secretaria de Estado de Fazenda em 2008, a Secretaria de Estado de Educação (Seduc), em parceria com o MEC/Funai/Funasa/CEI, realiza o Projeto Haiyô, um curso de formação de professores indígenas para o Magistério Intercultural, que habilita para a docência das séries iniciais do Ensino Fundamental. Foram 298 professores-alunos, habilitados em 36 municípios para atender a Educação Indígena.

O Curso foi realizado em polos: Juína, Canarana, Campinápolis, Polo 4 Xingu e Polo 5 Leonardo. O curso era dividido em etapas presenciais e intermediárias. As etapas presenciais ocorrem durante as férias escolares, nos períodos de janeiro, fevereiro e julho de cada ano letivo. As etapas intermediárias consistiam em atividades desenvolvidas pelos cursistas, na prática pedagógica de sala de aula. As atividades eram acompanhadas e orientadas pelos técnicos da Gerência de Educação Escolar Indígena da Seduc, juntamente com o CEI - Conselho de Educação Escolar Indígena.

O projeto atendeu 31 etnias, entre elas: Arara, Cinta Larga, Zoró, Tapirapé, Karajá, Mynky, Guató, Chiquitano, Paresí, Irantxe, Munduruku, Apiaká, Rikbaktsa, Xavante, Bororó, Nambikwara, Kuikuro, Kalapalo, Nafukuá Matipu, Mehinako, Waurá, Kamayurá, Yawalapiti, Aweti, Ikpeng, Trumai, Suiá e Kayabi.

Este projeto, ofertado pela Seduc, iniciou em 2005 e terminou em 2010, as etapas eram realizadas geralmente duas vezes ao ano, no mês de janeiro e julho, período de recesso escolar. Tivemos a primeira etapa no município de Comodoro MT, depois em Diamantino MT e finalmente tivemos uma parceria boa com o município de Juína MT e todas as últimas etapas foram lá, até chegar o dia da formatura em 2010.

Em 2006, em razão do curso de magistério que tinha como proposta a formação em serviço, tive que assumir a sala de aula de fato. Uma professora não indígena que ministrava aulas na aldeia, teve que deixar a sua vaga para que eu assumisse.

Apreendi mais do que ensinei nesses primeiros anos, foi uma experiência nova e aos poucos fui me acostumando com os alunos e logo começaram a me chamar de professor, seja na sala de aula ou fora dela. Demonstravam ali o carinho que tinham comigo e o respeito que eu já havia conquistado.

As práticas culturais ancestrais do povo Manoki estavam praticamente paradas, ninguém mais se pintava de urucum, não faziam artefatos e não tinham um ensino frequente na escola. Foi nesse período, de 2006 a 2009, que os rituais foram retomados com força, e a escola teve um papel fundamental para a retomada das manifestações culturais. Em 2009, acontece o maior ritual do povo, que já não era praticado há 15 anos. Este ritual de iniciação dos meninos na casa dos espíritos Yetá é muito importante para que os rapazes tenham sua passagem para a vida adulta, com responsabilidades e compromissos.

Além disso, é uma forma de despertá-los para a continuidade das práticas e saberes ancestrais de seu povo. Muitos meninos passaram por este ritual, quase 30, um momento de muita comoção, e retomada histórica da cultura do povo Manoki, que trouxe reflexão e preocupação para todos em continuar com nossos rituais e usar o espaço da escola para o fortalecimento cultural.

Cheguei ao final do curso de magistério e chegou o momento mais esperado, minha formatura. Outra cerimônia de formatura, como se fosse um novo ritual de passagem, pelo qual eu já havia passado dentro da cultura do meu próprio povo. Fui escolhido para ser orador da turma. O ano de 2010 trouxe a minha profissionalização, agora formado em nível médio magistério, e a oportunidade de trabalhar apoiando ainda mais a minha comunidade.

Em 2011, fui trabalhar com o povo Apiaká, no município de Juara. Eu trabalhava com ensino médio, sendo que a experiência que eu tinha era trabalhar em uma escola que atendia os alunos do ensino fundamental em ciclos. Fiquei apenas quatro meses por lá e tive que retornar para a minha aldeia de origem. Fiz muitas amizades por lá que mantenho até hoje e tenho um carinho especial por este povo, que me acolheu tão bem em sua aldeia.

No mesmo ano saiu o edital de seleção para entrar na faculdade indígena de Barra do Bugres, consegui organizar toda a documentação, fazer a reunião com a comunidade e ser aprovado para cursar a licenciatura indígena. Adquiri muitos aprendizados e tive professores maravilhosos. Com algumas dificuldades e desafios chego ao final do curso em 2016, primeiro para a defesa do TCC e depois para a formatura, escolhi a pintura de pintura da onça em meu corpo porque simboliza garra, determinação, compromisso e reponsabilidade.

Coloquei um Xunã na cabeça, colar de dente de onça e outros artefatos. Me emocionei e mais uma vez fui orador da minha turma de ciências da natureza e matemática, passava ali por mais um ritual ao lado de muitos colegas professores indígenas e dos meus familiares.

Na minha comunidade, em 2012, com a luta de muitas lideranças, conseguimos a vaga para um coordenador pedagógico indígena. Fui indicado para esta função e fiquei até 2016, a secretaria não deu condições de trabalho e então eu tinha que emprestar carro ou moto do meu pai para desenvolver o meu trabalho. Tinha que andar por várias comunidades: a aldeia Paredão, Perdiz e Asa Branca, onde na época funcionavam as salas anexas do município para atender os alunos e professores.

Eu sempre ia à cidade para fazer os trabalhos de um coordenador pedagógico e ia à secretaria pagando o combustível e usando veículo particular. Eu precisava fazer a diferença, mesmo que tivesse que pagar para trabalhar, eu tinha que mostrar a minha capacidade e desenvolver um bom trabalho sem medir esforços, até porque eu já havia aprendido que tudo que vamos fazer deve ser bem-feito, com vontade, com amor, com dedicação.

Pelo convite feito pela minha prima, Marta Tipuici, aceitei concorrer à eleição para ser presidente da Associação Watoholi do Povo Manoki. Nunca tive vontade, embora seja uma instituição que considero fundamental para o povo, ela nos representa de forma legal e deve lutar pela demarcação da terra. Concorremos e a nossa chapa venceu, ela como vice-presidente e eu presidente, dando início a nossa gestão em julho de 2016.

Nos dedicamos fazendo um trabalho bem transparente, prestando contas a cada três meses, às vezes demorava mais, mas, fizemos por ano as 04 prestações de contas, como foi proposto. A Associação trabalha com recursos oriundos do acordo feito com a empresa “Cravari geração de energia” para receber um valor durante 30 anos por uma construção da Pequena Central Hidrelétrica - PCH no rio Cravari, que faz divisa com nosso território. Trabalhamos com o controle de viagens dos veículos do povo em que os viajantes pagam para fazer o abastecimento e também temos uma lavoura mecanizada de 1.000 hectares.

Fizemos um trabalho atendendo a demanda das famílias, sempre ouvindo as pessoas da comunidade para saber como eles queriam que nós trabalhássemos, sempre pensamos no coletivo e bem-estar de todos.

Infelizmente, no ano de 2018, quando fizemos a nova eleição fomos derrotados, e isso me deixou triste com a comunidade, porque acreditava que estava fazendo um bom trabalho e queria continuar. Mas a nossa forma de trabalhar, que parecia estar certa, não estava de

acordo com a maioria. Desde aí comecei a pensar que jamais deveria ter entrado na associação como presidente, trabalhei antes como secretário em outra gestão, mas naquele momento decidi que, por alguns anos, jamais iria voltar a ser presidente, só estaria ali para ajudar e contribuir com o que fosse possível e interesse do povo.

Em 2018, o professor Adailton da Unemat de Barra do Bugres me informou que teria uma disciplina chamada “Educação Etnomatemática: diversidade cultural e práticas pedagógicas”, para alunos especiais e perguntou se eu não queria participar. Achei que fosse fácil e tentei a sorte, consegui ser aprovado e por uma semana fiquei em Barra do Bugres, estudando e ao mesmo tempo sofrendo, tentando me encontrar em um mundo diferenciado e mantendo os princípios de boa convivência do meu povo. Tinha que ler muito e fazer trabalhos que exigiam ficar acordado até uma hora da manhã e precisava levantar as cinco horas para finalizar.

Com esse esforço todo eu consegui fazer um artigo e, com os artigos de outras colegas (já que eram 13 mulheres e só eu de homem), juntamente com o professor João Severino Filho e Adailton Alves da Silva, conseguimos escrever um livro “Etnomatemática: os múltiplos olhares para os saberes locais”.

Depois disso, em 2019, consegui dar um passo maior, fui aprovado no mestrado indígena, o primeiro Manoki a estudar para ser mestre, que honra! Tivemos aulas presenciais em fevereiro de 2020 e podemos conhecer outros colegas, ainda que a maioria eu já conhecesse. Em seguida veio a pandemia do novo coronavírus e as aulas foram suspensas, cada um ficou isolado na sua comunidade, e foi importante para criar estratégias de enfrentamento a Covid-19.

Ficamos um tempo parados, buscando alternativas ou sem saber o que fazer mesmo diante desse vírus que vinha matando muita gente. Só em 2021 fomos realizar reuniões virtuais pelo aplicativo Meet ou Zoom e aprender sobre as tecnologias. Em maio, junho e julho tivemos uma semana de aula intensa para fechar as disciplinas de psicologia e educação escolar indígena, sociologia e educação escolar indígena e seminário de dissertação em andamento. A primeira quinzena de agosto ficou para entregarmos todos os trabalhos propostos para fechar as disciplinas e focarmos apenas nas pesquisas.

Hoje sou casado e tenho seis filhos, já tenho um neto da minha filha mais velha que é casada. Moro na aldeia Cravari, trabalho na escola da aldeia na rede municipal e estadual, minha esposa trabalha no posto de saúde da aldeia como técnica de enfermagem, meu pai é

motorista do carro da SESAI e minha mãe é agente de saúde indígena, ela ainda está cursando o último ano do ensino médio e hoje sou o professor dela.

CAPÍTULO 3

DIFICULDADES E SUPERAÇÕES PARA REALIZAR A PESQUISA

A faculdade tem me proporcionado a pensar sobre diversas situações referentes ao meu povo e aos povos indígenas, principalmente a Unemat de Barra do Bugres MT, onde eu estou cursando o mestrado, na faculdade indígena intercultural. Pensar a escola indígena é pensar em formar pessoas que tenham todo o domínio do conhecimento do seu povo, que conheçam suas histórias e lutas, que lutem pela saúde e educação diferenciada, que defendam o seu território e o seu povo, e ainda tenham a relação de defesa e preservação da natureza.

A educação escolar indígena é o aprendizado sobre a territorialidade, é aprender usar a terra para a sua sobrevivência, não para querer apenas competir, em passar noites estudando porque precisa passar em um vestibular, ou para ganhar muito dinheiro, ou para ser melhor que outro.

Dessa forma olho para o Povo Manoki e vejo caminhos a ser percorrido, preciso escolher um e fazer minha pesquisa, logo deparo que uma história puxa a outra e parece uma pesquisa sem fim, preciso fazer recortes e essa é uma das dificuldades.

Começo escrevendo em um momento de pandemia, onde o mundo parou devido um vírus que matou milhares de pessoas, em meio a tantas incertezas e o vírus chegando próximo a nossa Aldeia sinto dificuldades de ir à casa dos mais velhos para uma conversa e tentar fazer alguns registros.

Os professores tentaram, ao máximo, informar a comunidade sobre os perigos dessa doença. Realizaram palestras, fizeram contato com o mercado para entregar a mercadorias dentro da aldeia e evitar a saída de muitos. Pelo aplicativo de banco, muitos pagaram suas contas de lojas e energia, mas, como sempre as regras às vezes não são aceitas ou não querem segui-las. Algumas pessoas desrespeitaram completamente toda essa organização, inclusive a barreira sanitária que foi criada com rodízio de profissionais da saúde, educação e alunos, a barreira sanitária teve que deixar de funcionar devido essas atitudes, as pessoas ficaram triste e aos poucos foram desanimando e deixando de ir à barreira.

Após 04 dias do término da barreira, as pessoas retornam ir à cidade, logo surgem os dois primeiros casos, depois vai aumentando aos poucos, fiz o boletim informativo para as

outras aldeias acompanhar os casos. Chegaram até 80 casos confirmados, todos assintomáticos, depois disso não fizemos mais registros.

Desde março de 2020 muitas pessoas na Aldeia estavam tomando remédios caseiros, a doença não tinha chegado ao município de Brasnorte ainda. Acredito que esse fator tenha sido fundamental para não ter nenhum registro de gravidade e morte nesse povo, sabemos que a pandemia continua e os cuidados devem continuar, mas a organização coletiva de cuidar e proteger o povo já não está como antes.

Minha pesquisa foi interrompida devido ao aumento de casos de covid dentro do Povo Manoki, às vezes pensávamos que na Aldeia seria mais difícil de contaminar, mas, na verdade se torna fácil à contaminação, todos estão próximos uns dos outros, seja por parentesco ou pela convivência própria de aldeia, as pessoas têm o hábito de fazer as visitas para conversar, contar algo, levar informação enfim.

Tentamos ao máximo nos proteger e evitar andar em outras aldeias fazendo visitas as pessoas próximas. Adotamos medidas de controle do acesso das pessoas ao nosso território e também de saídas das pessoas do nosso Povo para fora (veja na Figura 1), mas quando percebem que não há contaminação, que está tudo bem, que ninguém se contaminou as pessoas começam a fazer as visitas.

Figura 3 - Ficha de controle de entrada e saída de pessoas do TI Irantxe

MANOKI PELA VIDA!

CONTROLE DE ENTRADA E SAÍDA DE PESSOAS DENTRO DO TI IRANTXE

Aldeias: Cravari, Treze Maio, Doze de Outubro, Asa Branca e Cachoeirinha.

Data: 22/04/2020 Hora/Chegada: 6h 30 min Hora/Saída: _____

Responsáveis: Edilene e Marta

Motorista/Passageiro	Veículo	Saída	Chegada	Destino	Hora	Temperatura
Joice Vazilav	Moto	x		Tupac	6:59	
Milton	Moto	x		Laurica	7:43	33.3
Tamariz	Moto	x		pegar milho	8:03	33.3
Laurence	Carro	x		~~Alm. Paredão~~	8:12	24.3
Edilene				Alm. Paredão		26.0
Marcelino	Moto	x		pegar milho	9:37	33.3
Wilian						36.0
João Osvaldo	Moto		x	Cravari	9:14	21.20
Tamariz	Moto		x	Cravari	9:23	
Marcelo	Moto		x	Cravari	10:00	
Wilian					10:04	
Zéla	F4000	x		Asa Branca		33.3
Maria Hda						33.4
Inaia						33.6
Tawá						32.6
Djeibson						33.2
Bartolo	Moto	x		divisa/pesqueiro	10:27	29.30
Marilene						29.1
Xandi						32.7
Rosilaine	Moto	x		divisa/pesqueiro	11:02	34.8
Laurence	Carro		x	Cravari		36.4
Edilene						36.5

Fonte: Relatório da barreira sanitária Manoki para o controle de entrada /saída de pessoas – 2020

Eu fui contaminado, logo depois foi a minha esposa, tentamos proteger nossos filhos, um tem 02 anos, outro 12 e o mais velho com 15 anos. Neste momento que fomos contaminados o Dérick Lourival Xinuxi, o mais novo ficou aos cuidados do seu irmão Dinivaldo Lourival Tamuxi, dormiu junto com seu irmão uma noite, no dia seguinte o Dérick teve vômitos, seria um indício de sua contaminação, esperamos mais um dia e fizemos o teste, deu positivo para a covid, no outro dia o Dinivaldo fez o teste e também deu positivo.

O meu filho mais velho Ewaldison Lourival Janãxi chegou de sua pescaria e pedimos que ficasse longe de seus irmãos que estavam com a covid, mas sem complicações maiores, não deu certo, em três dias fizemos o teste e ele já havia si contaminado. Os meus filhos não tiveram nada de complicações graves, agora eu e minha esposa Dulcilene ficamos muito mal, sete dias deitados e sem poder alimentar direito, fomos aos poucos recuperando dessa doença e acredito que a 2ª dose da vacina nos ajudou muito.

Nesse mesmo tempo a minha sobrinha testou positivo para a Covid 19 e mora com meus pais, logo os meus pais se contaminaram, eles ficaram muito ruim e tiveram que tomar soro, depois disso não houve mais pessoas que se contaminaram e todos recuperaram bem.

Então resolvi ir até a Aldeia Asa Branca dar início a minha pesquisa, chegando lá meu tio estava com seu pé inchado devido à entrada de um espinho, como ele tem diabetes à situação dele agravou. Ele me informou que estaria esperando o carro para ir a cidade fazer consulta do seu ferimento e iria iniciar a história, caso não terminasse ficaria para um próximo encontro, em 07 minutos que eu havia começado a gravar o carro de saúde indígena chega e a nossa gravação foi interrompida.

Passado algum tempo eu pensei de ir à aldeia Asa Branca dar continuidade a minha pesquisa com o Cacique Manoel Kanuxi que é o meu tio, mas antes disso eu fiquei sabendo que um dos seus netos havia testado positivo e teria ido até a sua aldeia, então resolvi esperar 03 dias para poder ir, já havíamos aprendido que em 03 dias a pessoa contaminada aparece com sintomas ou testa positivo para a covid-19.

Deixei para ir ao quarto dia de manhã, mas pela manhã resolvi fazer outros trabalhos e deixei para ir à tarde depois do almoço. Logo às 09h00min da manhã a minha prima Edilene Kamuntsi que é técnica de enfermagem informa a minha esposa que também é técnica de que o Manoel, sua esposa e mais 07 pessoas na Aldeia Asa Branca haviam testado positivo para a Covid-19.

Não pude ir até o Manoel e a minha pesquisa ficou parada, não sabia o que fazer porque os prazos estavam vencendo e o cacique em minha opinião é a pessoa importante nesse trabalho, não temos muitos anciãos para poder contar com eles.

Dessas pessoas que foram contaminadas, o Manoel e sua esposa Maria de Fátima tiveram seu quadro de saúde mais complicado, pararam na UTI na cidade de Juína MT, a Maria de Fátima teve complicações maiores, ficou lá por um bom tempo devido ao acidente vascular cerebral (AVC) que teve. O Manoel recuperou muito bem do novo coronavírus, mas o seu pé ainda estava com o ferimento. Ficaram meses na cidade, até hoje a minha tia não consegue andar, faz fisioterapia e aos poucos os movimentos das pernas e braços estão voltando.

Eu e minha família fomos contaminados na segunda quinzena de setembro de 2021, já o cacique Manoel se contaminou em novembro do mesmo ano, desde aí a minha pesquisa com ele na aldeia retorna no dia 05 de fevereiro de 2022 na sua Aldeia Asa Branca, ainda a minha tia estava na cidade e ele parecia estar triste e não sentiu à vontade e entusiasmo de narrar as histórias. Um segundo momento que fui à aldeia dele foi dia 05 de março de 2022, a minha tia já estava na aldeia e estava recuperando aos poucos, por sua vez o meu tio estava mais animado e até propôs momentos de encontros culturais com os jovens para repassar seus ensinamentos.

A pesquisa foi feita com entrevista na casa do entrevistado, sendo gravado em áudio de celular, também fiz muita observação principalmente quando íamos à expedição na Terra Nova, nome que todos conhecem porque é o território Indígena Manoki demarcado e aguarda apenas a homologação. Li artigos que falavam sobre marcadores de tempo, li teses de mestrado sobre o povo Manoki, li livros de histórias Manoki, dei uma olhada do projeto político pedagógico da escola Indígena Cravari e sempre que encontrava com o Manoel conversava com ele, procurava saber as histórias ou nomes na língua e fazia a gravação em celular para depois fazer a transcrição.

CAPÍTULO 4

HISTÓRIAS DA COSMOLOGIA MANOKI

Esse Capítulo é destinado às histórias narradas pelo Povo Manoki que permite a compreensão do universo e seus marcadores de tempo. Temos aqui a história jogo de cabeçabol – Ājali Pīpi, do Mamju'u – Mãe do campo, Josi – o tatu que escondia o dia, o menino manhoso, a visita no céu, arco-íris no sol e Morreu? A cabeça é para o leste ou oeste? São essas entre outras histórias que ajudam os Manoki a situar no tempo e espaço, as narrativas dessas histórias explicam um fato ou algo que aconteceu em uma determinada época e por isso as coisas são assim hoje em dia.

Jogo de cabeçabol – Ājali Pīpi

O jogo de cabeçabol é um esporte praticado pelos Manoki desde muitos anos, apenas os homens fazem essa prática, a bola é feita do látex da mangava e o jogador deve tocar a bola apenas com a cabeça, batendo em outra parte é cobrado xinĩ, como se fosse uma falta. O jogo de ājali pīpi com outra aldeia era marcado olhando as fases da lua, podia ser em qualquer fase e sempre em tempo da seca, mas sempre marcavam na passagem da lua e diziam qual lua iriam jogar e o horário da chegada era a posição do sol.

A lua é fundamental nessa marcação porque leva praticamente um mês para voltar à mesma lua, dá o tempo suficiente de preparar a alimentação, a premiação que o time levará para fazer o jogo (Figura 4).

Figura 4 - Mulheres preparam alimentos e materiais utilizados durante o jogo



Fonte: Recorte do vídeo Ajãĩ, o jogo de bola de cabeça dos Myky e Manoki

No dia marcado a aldeia aguardava seus visitantes, preparava a comida e a chicha, se o horário marcado fosse meio-dia (ire matari), ouvia se grito cultural Manoki inconfundível e todos já sabiam que seus adversários já estavam chegando, pegavam a chicha e levavam ao terreiro para seus adversários. O dono do jogo trazia uma flecha (Figura 5) para entregar ao seu adversário que também levava outra flecha, essas flechas eram trocadas e já iam para o campo jogar.

Figura 5 - Donos das festas, adversários, trocando as flechas



Fonte: Recorte do vídeo Ajãí, o jogo de bola de cabeça dos Myky e Manoki

A delimitação do campo é grande, apenas duas varas em linhas laterais são colocadas com uma altura de 10 metros, dentro desse campo delimitado por essas varas que devem jogar, os jogadores se posicionam como querem e onde achar melhor, segue apenas o seu mestre que comanda o seu time.

Mestre é aquele que inicia a partida, toda vez que seu companheiro erra uma bola, o jogo inicia com ele jogando a bola ao seu adversário, a bola viaja no ar e ao quicar ao chão o outro mestre já pode bater na bola com a cabeça (Figura 6), quando a bola passa para o outro lado do campo qualquer jogador pode bater, mas sempre no início da jogada quando o mestre adversário joga a bola quem deve bater primeiro é o mestre.

Figura 6 - Jogo de Cabeçabol



Fonte: Recorte do vídeo Ajái, o jogo de bola de cabeça dos Myky e Manoki

No jogo disputa vários prêmios, batata, cará, feijão, arroz, batata doce, araruta, todos que jogam ganham o prêmio, não existe um time ganhador, toda vez que um time faz o outro errar três vezes ele é premiado, e assim vai o dia todo ou até quatro dias seguidos.

Durante o jogo colocam chicha de batata ou milho para fazer parte da premiação, principalmente quando os times já estão cansados, ao fazer o time errar três vezes a chicha é premiada e todos param para beber e recompor a energia, logo volta ao jogo.

Mamju'u - Mãe Do Campo

Esta história conta a desconfiança de três irmãos que moravam sozinhos com sua avó, intrigados por querer saber de onde vieram e por viverem sozinhos pressionam sua avó para saber do seu povo. A partir daí se inicia um desafio aos irmãos que buscam a vingança, para se proteger de um ser maligno que iria matá-los são obrigados a morar no céu como estrelas, mas antes aprendem tudo que era necessários para sua sobrevivência, esses conhecimentos passaram a ser domínio do povo Manoki. História narrada pelo Cacique Manoel Kanuxi.

Em uma aldeia morava três crianças, um irmão mais velho, irmão do meio e o caçula, viviam com a Alolimaxi, sua avó. Um dia as crianças começam a se perguntar para sua avó: - Vó, como que só nós que moramos aqui? De onde que viemos? Sua avó disse que não sabia e poderiam ter vindo do oco de pau, do buraco ou no chão. Eles responderam que desconfiavam que tivessem pai e mãe.

Certo dia estavam brincando e encontraram pedaços de panela de barro e tiveram a certeza que ali morava muita gente, mais uma vez foram até a sua avó para perguntar e ela não quis falar sobre o assunto mas, insistiram dizendo que havia mais gente, então a avó resolveu contar a verdade.

Ela contou que realmente morava bastante gente, mas que havia um bicho que comeu toda a população, os netos questionaram: - como assim vó, que o bicho comeu todos e ninguém o matou? Ela disse que o bicho era muito grande.

Os irmãos disseram que iriam se vingar, a avó pediu que não fossem atrás porque era muito perigoso e não dariam conta por serem muito pequenos.

Começaram perguntando como as pessoas faziam as suas flechas, a avó disse que no mato tinha lawa (Ipê), foram buscar e fizeram o poku (arco). Depois queriam saber como faziam a corda, novamente a avó levou os meninos no campo e mostrou ulawa (tucum), da sua folha se retira a fibra, torce e faz-se a corda.

Ainda faltava a flecha, com os ensinamentos da avó foram seguindo os passos, pegaram o kake'i (taquara), cortaram e endireitaram usando o calor do fogo. Pegaram a kake'i (taquara) e colocaram na cinza quente e ela ficou bem mole, com auxílio de um pano para não queimarem as mãos fica fácil de endireitar. Em seguida era necessário ter penas de aves para dar direção à flecha, então a avó ensinou aos irmãos que deveriam ir à cabeceira de um rio, onde as aves bebem água, principalmente o awiti (mutum), armar o mara'i (armadilha) e pegar a ave para retirar suas penas, a ave já serviria de alimento.

Para colar a pena na taquara pegaram a cera do mel da abelha irixi e com a corda do tucum amarraram. Para fazer a ponta foram na beira do rio e pegaram o jula (jurupará) e fizeram a ponta.

Depois de pronto perguntaram para sua avó onde o Mamju'u morava, a avó não quis contar e tentou fazer com que seus netos desistissem da ideia, mas ela resolveu falar e os meninos foram procurar no campo.

O campo era limpo e podiam avistar bem longe, no caminho encontraram tatu e o mataram, mais a frente viram ulanã (seriema) e perguntaram: - você que é Mamju'u? a seriema respondeu: - não, eu não sou Mamju'u, eu vi ele vindo nessa mesma direção, é muito grande.

Em seguida viram de longe algo muito grande, como se fosse uma casa, era bem peludo e já vinha na direção dos irmãos. Eles ficaram pensando como iam fazer para matar o Mamju'u, decidiram que iriam cortar o seu coração.

Figura 7 - Mamju'u - Mãe do Campo



Desenho: Edilza Luiara Kamenbia - 2022

Quando o bicho chegou perto dos meninos disse: de onde que vocês nasceram porque eu comi todos? Os meninos responderam: - nós viemos vingar, nós vamos te matar. O Mamju'u disse que eles eram muito pequenos e não conseguiriam o matá-lo.

Esses irmãos tiveram a ideia de ver como ele se alimentava, pegaram o tatu que haviam matado e jogaram para ele, logo ele pegou o tatu e começou a comer pelo ânus.

O Mamju'u em seguida pediu que os irmãos entrassem pelo ânus dele com intenção de matá-los, mas os meninos já haviam planejado como iriam fazer, o irmão mais velho pegou a ponta de flecha jurupará e entrou primeiro, parou no ânus e não deixou o Mamju'u fechar, vem o irmão do meio e segurou também para que o irmão mais velho entrasse lá dentro, veio o irmão mais novo e ficou na entrada do ânus segurando.

O irmão mais velho vê dentro da barriga do Mamju'u muito ossos, xire (cesto), cabaça, flecha e arco, subiu até o coração e começou a cortar, cortou o pulmão e foi descendo, chegou ao ânus e saiu, o irmão do meio sai e por último sai o irmão mais novo que não deixou o ânus fechar.

Correram uma distância e ficaram observando, o Mamju'u ia dizendo: - como que vocês me mataram, eu comi todos os seus parentes, agora eu vou morrer, mas, vocês vão me pagar, vou criar muitos espinhos que vai ficar em seus pés. Aos poucos ele foi caindo até que caiu de vez, logo espalhou mato e muitos espinhos por todo lado.

Os irmãos pegaram o coração e levaram para a sua avó comprovando que haviam matado o Mamju'u, a avó chorou muito porque deveria ser o parente dela.

Os meninos continuaram sua vida normal, quando viram um lugar limpo e pensaram que lá deveriam ser o local de praticar um esporte, perguntaram a sua avó e ela ensinou que as pessoas jogavam o Ājali pīpi (jogo de cabeça bol), foram no campo e pegaram o látex da mangabeira (kapa) e fizeram a bola.

Nesse momento de brincadeira com a bola acharam muitas placas de barro e ferramentas, procuraram mais uma vez com sua avó se havia mais pessoas, ela confirma que realmente tinha muita gente e veio um bicho que matou todo mundo, tinha um rabo igual de tamanduá bandeira, este não morria e os meninos não iriam conseguir matá-lo.

Os irmãos disseram que ia atrás para matar o bicho que matou seu povo, perguntaram apenas onde era e seguiram o caminho, andaram muito até chegar ao local onde este ser morava, ouviram apenas risos, eram duas Jandaias – coquinhos que chamavam kutitsi e Atusi.

Chegaram a casa e perguntaram onde o dono delas estava que queriam matar ele e elas não deveriam contar ao dono, os três irmãos prometeram dar bolo de pequi a elas. Então elas resolvem contar e dizer que não iria contar dos irmãos porque o dono delas caçava e não dava nada a elas.

Elas mostram o caminho e diz que toda tarde ele chega, dizem ainda que no caminho ele tem umas pedras que mata pessoas. Seguiram andando, bem adiante encontraram ao lado da estrada bastantes pedras, pegaram elas, passaram pequi e jogaram, no lugar deixaram outras e depois ficaram escondidos.

Bem à tarde, ouviram barulho de algo se rastejando, era o rabo desse ser, ele estava chegando com sua esposa, era um casal. Olhou suas pedras e viu que alguém tinha mexido, pegou as pedras e começam a se esfregar uma na outra, começa fazer um barulho vindo do atrito e o irmão mais novo começa a dar risadas, o irmão mais velho manda seu irmão ficar quieto e este bicho ouve vozes.

Desconfiando que alguém havia escondido, pega uma pedra e joga em direção de onde veio a risada para matar, a pedra cai e não estoura. Mais uma vez ele pega a pedra e esfrega na outra e o irmão mais novo da risada novamente e seu irmão zanga mais uma vez com ele. Novamente a pedra é lançada e não estoura, o bicho decide ir embora.

Chegando a sua casa as jandaias estão dando risadas, o bicho chega e pergunta: - por que vocês estão dando risadas? Não apareceu ninguém aqui? As jandaias respondem: - não chegou ninguém, estamos rindo porque a kutitsi fez xire feio e nós estamos rindo. Ele desconfia, mas elas não contam a verdade.

Os irmãos anoiteceram perto da casa e ficaram escondidos, logo este bicho começou a dormir e os irmãos chamam a coruja e o lobinho. A coruja começa a cantar e jogou um pau na casa desse ser que matava as pessoas, o lobinho também fez a mesma coisa, fizeram barulho a noite toda.

Chegando de madrugada estava um silêncio e todos dormindo, nesse momento os irmãos entraram na casa e começaram matando a mulher do bicho em seguida foram para cima dele, cortaram o seu braço, sua perna, seu pescoço e jogaram longe os pedaços, mas esses pedaços se juntavam novamente.

Estavam cansados e lembraram que sua avó disse que este não morreria, então decidiram correr e deixar este monstro, chegando à casa da sua avó contaram que o encontraram e cortavam as partes do corpo e jogavam longe e logo se juntava de novo.

A avó disse que o bicho viria atrás dos meninos e que deveriam fugir, pensaram em subir no céu, mas não sabiam como iriam fazer.

O irmão mais velho pegou seu arco e flecha e lança uma até as nuvens, esta fica fincada, pegou outra e repetiu o feito, esta acerta na ponta da outra que já estava nas nuvens, foi lançando as flechas até que a última ligasse a terra ao céu, começaram a subir e o irmão mais novo não quis subir porque estava com medo de cair.

Quando os dois irmãos e a avó estavam chegando ao céu, o bicho estava bem atrás deles, os irmãos desesperados pediram para sua avó fazer alguma coisa, ela sopra em direção ao bicho e este fica duro e morre no caminho.

Os dois irmãos viram estrelas e a avó também, uma estrela maior chamada Alolimaxi.

O irmão mais novo ficou na terra chorando, ele virou uma espécie de calango e escondeu no buraco de tatu, hoje em dia ele é visto sempre no buraco de tatu e tem uma pintinha perto dos olhos, isso porque ele chorou muito.

Josi, o tatu que escondia o dia

No passado para os Manoki existia apenas a noite, as pessoas dormiam e acordavam, mas, sempre era noite e suas atividades eram feitas na escuridão.

O tatu Pimjãsi (tatu mirim) e o tatu Pypy (tatu cascudo) queriam achar uma forma de fazer com que o dia surgisse, mas o Josi não deixava e escondia o dia dentro da cabaça.

Figura 8 - Josi, o tatu que escondia o dia



Fonte: Desenho de Edilza Luiara Kamenbia - 2022

Um dia eles estavam conversando e disseram que o tatu Josi se alimentava muito bem porque ele gostava da noite, já o tatu Pimjãsi e pypy preferem a claridade e estavam tendo dificuldade de se alimentar.

Decidiram então quebrar uma cabaça, lá onde o tatu Josi escondia o dia, o tatu pypy pediu para a sua prima Pimjãsi que subisse até a cabaça para quebrá-la quando o tatu Josi não estivesse em casa.

Quando o tatu Josi estava bem longe andando na noite, a Pimjãsi pegou uma vara e quebrou a cabaça, neste momento o dia vai surgindo.

Figura 9 – Os tatus Pimjãsi e Pypy



Fonte: Desenho de Edilza Luiara Kamenbia – 2022.

O tatu Josi percebe que está clareando e volta correndo para ver o que aconteceu, mas a Pimjãsi e Pypy já haviam combinado que uma esconderia no buraco para que o tatu Josi não a matasse, o tatu pypy iria dizer que naquele buraco havia marimbondo e que o Josi não poderia entrar ali.

O tatu Josi chega a casa sua e pergunta o que haviam feito, o tatu Pypy responde que não fizeram nada, nesse momento o Josi procura por Pimjãsi e vai entrando ao buraco quando o Pypy disse que lá havia marimbondo e não podia entrar. Vendo que o dia apareceu de vez, o tatu Josi procura outro buraco e se esconde porque ele não gosta de andar na claridade.

Então surgiu o dia e foi à vez da Pimjãsi e o Pypy começarem a andar e procurarem seus alimentos.

O Menino Manhoso

Esta história contada pelo autor, Edivaldo Lourival Mampuche é a sequência da história do tatu que escondia o dia.

Quando vai surgindo o dia um menino que chorava toda noite chama a sua mãe para ver uma bela claridade que estava surgindo.

Antigamente havia uma aldeia em que moravam muitas pessoas, dentro de uma inã (casa) moravam de 05 a 07 famílias.

Em uma casa havia um menino que toda noite chorava e sua mãe não conseguia agradá-lo, ninguém conseguia fazer com que o menino parasse de chorar.

Sua mãe vendo que o menino não deixava ninguém dormir começou a colocar ele fora da casa, o deixava chorando a noite toda.

Todos os dias eram assim, chegava à noite o menino começava a chorar e sua mãe o colocava para fora da casa.

Uma noite ele estava chorando e começou chamar a sua mãe: - mãe vem aqui, está clareando! O dia está surgindo. A mãe responde: - você está mentindo, nós vivemos na escuridão e não tem dia!

O menino insiste dizendo que não está mentindo e de tanto insistir sua mãe sai da casa para olhar.

Quando ela sai da casa fica surpresa e começa a falar: - meu filho não está mentindo, saem todos da casa para ver, o dia está surgindo! Meu filho achou o dia, por isso ele chorava



Figura 10 - O menino manhoso que achou o Sol

todos os dias. Agora todos devem dar presente para o meu filho!

Fonte: Edilza Luiara Kamenbia - 2022

As pessoas saíram da casa e ficaram felizes, agora podiam trabalhar tranquilos sem precisar usar o fogo o tempo todo, foram dando colares, artesanatos, arco e flecha ao menino.

O sol foi subindo, subindo até chegou à tarde e foi embora, todos ficaram tristes pensando que não voltaria mais, mas, no dia seguinte ele volta novamente.

Até hoje é assim, o sol vem pela manhã e vai embora à tarde.

Visita no céu

Esta narrativa do cacique Manoel Kanuxi narra uma história para onde as almas das pessoas que morrem vão, lá recebem um tratamento que é um banho e depois de certo tempo a alma volta ao normal como se continuasse sua vida longe do mundo dos vivos. Conta que muitas pessoas vão para lá sem ser chamado, morrem por descuido, o Nahy (deus) que chama quando é preciso, quando está doente, está velho ou está sofrendo na terra.

Havia uma aldeia em que vivia uma grande família, mas, que ficou apenas três irmãos, os pais e outros irmãos havia morrido e na aldeia moravam outras pessoas. Um dia os irmãos começaram a conversar como poderiam fazer para ver seus pais, um deles fala que apenas deveriam esperar a morte.

Certa vez tacaram fogo no campo para caçar, acharam um ratão grande (momu), foram cavando um buraco e conseguiram entrar no buraco, um animal que parecia uma sucuri foi olhar eles, percebendo a presença deste animal pegaram a flecha envenenada e o flecharam em sua cabeça, ele sai correndo em direção à água e tira seu coro e morre.

Os irmãos vão atrás e encontram a pele do animal que é muito grande, pensaram que poderia ser útil se achassem uma forma de subir até o céu e fazer visita aos seus pais. Levaram a pele e fizeram uma girau, colocaram a pele em cima do girau e acenderam fogo, queimaram uma espécie de formiga que é bem leve, queimaram o talo de buriti durante três dias para que ficasse bem leve, no terceiro dia acenderam fogo e entraram na pele, como se fosse um balão. Conseguiram andar um pouco, mas, ainda estava pesado e precisava continuar queimando algo que fosse leve para que conseguissem subir até o céu.

Na aldeia as pessoas escutaram barulho igual trovão, os irmãos que estavam andando dentro da pele do animal tentando subir ao céu, chegando à aldeia foram questionados se haviam escutado o trovão, sendo que o dia estava limpo e não havia nuvens prontas para chover, os mesmos disseram que ouviram, mas não sabiam o que era.

No dia seguinte voltaram novamente e continuaram a colocar fogo, logo entraram dentro e com impulso da fumaça conseguiram subir, foram subindo até o céu aonde as almas das pessoas que morrem na terra vão, no caminho iam pintando de urucum até chegar à Aldeia de Nahy (Deus).

Era um lugar bem limpo e quando uma alma chegava tinha seu cabelo puxado para ver se estalava e se não estalasse era porque a pessoa não tinha morrido. O cabelo dos três irmãos não estalou, eram apenas visitantes, direcionaram a aldeia de Nahy onde havia Mamu (outras

almas), chegando lá testaram o cabelo deles para ver se morreram mesmo, não estalou. Mamu chegou para receber os visitantes e viu que não morreram, chegando na aldeia de Nahy o Mamu levou chicha de fezes e os irmãos disseram que não queriam porque tinham criança nova e não podiam beber.

O Nahy convida os irmãos para ir a sua casa, oferece comida e bebida boa, explica aos irmãos que lá chegam pessoas que não são chamadas, às vezes ele chama porque está sofrendo na terra, porque já está velho, não está sendo cuidado ou porque estão doentes, alguns chegam porque morreu por falta de cuidado, acidente suicídio ou homicídio.

Os três irmãos contam que foram visitar os pais que morreram porque estavam com muita saudade. Chegando à noite o Nahy informa que os irmãos iriam dormir na casa de uma velhinha, nesse momento a velhinha os chama: - Setê! setê nakalê! (netos, meus netos vem para cá)!

Ela explica que a noite as pessoas transformam em animais, os homens transformam em cobras e as mulheres em sapos e entram nas casas, pede para os netos não se assustarem. A noite as cobras e sapos chegaram a casa para olhar os visitantes, a avó pegava vara e batia neles para que eles saíssem e não assustar os seus netos, foi assim a noite toda.

Pela manhã os irmãos foram até os seus pais, os pais ainda eram almas novas e recebiam banho com casca de uma árvore chamada água preta, seria para o corpo ficar duro, firme. Ouviram ainda as histórias dessas almas que falavam como morreram, uns morreram porque havia sido envenenado pelos bichos na terra, outro morreram porque ficaram doentes, outros porque o pau caiu em sua cabeça. Os irmãos ficaram impressionados porque lá todos estavam vivos, na terra eles morreram, mas na Aldeia grande continuam vivos, ali também tem toda a criação de Mamu, o curiango, João corta pau, tatu que vem para a terra de vez em quando.

Os irmãos queriam comer tatu canastra, eles pediram para sua mãe, ela disse que lá havia um tatu velho e poderia matar, pegaram o tatu o mataram, assaram e comeram.

Eles também veem seu sobrinho e comenta que os pais deles estão sofrendo com a partida dele e chora todos os dias, o sobrinho disse que morreu porque um pau que caiu em sua cabeça e teve que ir embora.

O sobrinho convida os tios para tomar banho no córrego, na beira do córrego ele mostra um pé de buriti bem alto e explica que lá é o lugar dele brincar, na descida faz um

barulho parecido com trovão, ele fala que este barulho é ouvido na terra na época da seca e não é chuva, é o Mamu (alma) que está brincando na aldeia grande.

O sobrinho pede que os seus tios avisem seus pais que ele está bem e não precisam ficar chorando, a mãe desses irmãos se despede deles e pede algumas coisas para eles trazerem numa possível volta, ela pede para trazer bolinha de algodão e pente, ambos escondidos na palha da casa.

Então os irmãos pegam a pele com o qual havia subido e descem para a terra, logo o irmão mais novo fala: - a nossa mãe disse que escondeu bolinha de linha na palha, vou olhar para fazer minha flecha. O irmão mais velho fala: - não procura não, pode ser uma armadilha. O irmão vai lá procurar, logo uma aranha morde a sua mão e este morre.

O irmão do meio estava com sua cabeça coçando e achando que seria piolho lembra-se do pente na palha e vai procurar. O irmão mais velho alerta seu irmão para não procurar. Ele teimou e procurou na palha, logo a lacraia morde sua mão e ele morre também, o pente era a lacraia. O irmão mais velho ficou sozinho, entristecido ele decide ir embora também, pega a pele do animal e sobe para a aldeia grande sem ter morrido.

Arco íris no sol

Em uma família tinha dois irmãos, um dia um desses meninos se casou, mas, sua esposa se casou sem gostar dele, foi forçada ao casamento e trouxe consequência ruim aos familiares.

A esposa decide matá-lo para livrar do seu esposo, um dia os dois estavam deitados na rede cada um com a cabeça contrária do outro, estavam brincando e a esposa dá um chute nos testículos do seu esposo que morre na hora.

Ela se levanta, disfarça e se deita em outra rede, fica pensando que pela manhã quando surgisse à estrela da manhã iria fugir para outra aldeia. Quando a estrela grande começou a aparecer ela se levanta e vai em direção a córrego, como se fosse tomar banho, pega e sai em direção ao rio, o pai do rapaz desconfia e vai até a rede do filho e chama: - Wakakon (Warakuxi) levanta e vai tomar banho com sua esposa, ela foi sozinha! O rapaz nem mexeu, estava com o seu corpo bem frio, logo seu pai percebe que estava morto e lembra a mãe do rapaz e todos da casa, fala na língua materna que iria vingar e ia atrás da mulher que matou o seu filho, pela manhã eles foram atrás, mas, a aldeia era muito longe e decidiram voltar para casa, preparar para ir novamente.

A mulher chegou à outra aldeia onde morava sua irmã que pergunta: - O que aconteceu que você veio embora? Ela fala que apenas brigaram e o esposo pediu que fosse embora.

Enquanto isso na aldeia do seu esposo que ela havia matado estava preparando muitas flechas porque decidiram matar todos dessa aldeia onde ela havia fugido, estavam todos sentados em círculo trabalhando com suas taquaras.

Esta aldeia que seria atacada olhava para o céu e viam em torno do sol um arco-íris bem baixinho de cor vermelho, os velhos chamam de tapokuli ou tapokojohu, isso quando iam sofrer um ataque. Se o círculo no sol estivesse bem fechado, sem nenhuma saída, significava que não teria como escapar, algumas vezes o círculo aparece incompleto e é sinal que teria uma saída de um possível ataque.

A irmã da moça estava desconfiada e dizia: - você fez alguma coisa lá? O tempo está muito estranho, eu não quero morrer. Sua irmã insistiu em dizer que só houve brigas mesmo.

Figura 11 - O Arco-íris no Sol



Fonte: Edilza Luiara Kamenbia – 2022

Depois que o cacique pai do rapaz que morreu terminou de fazer as flechas, convocou todos para ir até a outra aldeia atacar e não matar a sua ex-nora, queria ela viva para saber como ela havia matado o seu filho, se ela não estava fazendo relações sexuais com seu filho porque o rejeitava.

No dia programado atacaram a aldeia e mataram muita gente, conseguiram trazer a moça viva e todos tiveram relações sexuais com ela, a deixaram amarrada e abusaram da

moça, todos depois flecharam na vagina desta mulher, por último com mão de pilão deixaram a moça em pedaços, foi uma morte terrível.

Os Manoki passaram a entender que um arco – íris no sol ou na lua não significa algo bom, no passado seria um ataque de outros povos, hoje em dia é sinal de uma doença que vai chegar, ou uma guerra distante, alguém que vai ficar doente ou vai morrer.

Morreu? A cabeça é para leste ou oeste?

Quando morria um Manoki este era colocado em uma rede e por cima colocava uma espécie de casca de pau para ser enterrado, enterrava com todos os seus pertences, o enterro sempre foi dentro da própria inĩ (casa).

Alguns dos anciãos sempre tiveram a convicção de que o lado da cabeça se enterra do lado oeste, onde o sol se põe. Justificam que a pessoa quando acorda pela manhã, sempre olha para a direção do sol, lado leste.

Alguns acreditam que deve ser enterrado com a cabeça em direção a leste, onde o sol nasce, justificam que a cabeça já fica do lado onde o sol nasce que é a direção onde sempre olha pela manhã.

Esse debate e falta de uma decisão eficiente é para tomar o cuidado de a pessoa ser enterrado de costa para o sol, caso seja enterrado de costa, ao entardecer a pessoa estará olhando para o poente e o reflexo do sol reflete em seu rosto tendo uma tarde com sol amarelado, triste e percebido por todos.

O Manoel Kanuxi explica também que o corpo não deve ser enterrado profundo, ele me mostra fazendo uma demonstração usando o esteio de uma casa, diz que o buraco deve ser naquela medida, esta medida mede mais ou menos 01 metro de profundidade, me explica que os anciãos diziam que se a pessoa fosse enterrada passando dessa profundidade a noite seria muito longa, demoraria a amanhecer. Em razão disso que muitas pessoas reclamam dizendo que tal noite demorou a amanhecer ou acordou várias vezes e nada de clarear.

A origem dos nomes tradicionais do povo Manoki

O nome tradicional do povo Manoki, vem dos animais, como, peixe, pássaros, abelhas e lobo. Os nomes tradicionais são sagrados para o nosso povo Manoki, quando uma criança nasce ela já recebe o seu nome, dado pelos seus pais ou avós. Para colocar o nome de uma criança é preciso seguir algumas regras, na qual a família só pode pegar os nomes dos avós paternos ou maternos.

Se uma criança receber nome de pessoa que não seja seus avós, seus pais devem pagar por este nome, dando alguma coisa para a família, seja uma caça, peixe ou alimentos da roça. Na cultura Manoki o pai ou a mãe não pode colocar os seus nomes em seus filhos, devem colocar o nome de seus pais, ou seja, avós de seus filhos.

Às vezes um nome de uma família é oferecido para colocar em seu filho ou filha, pode ser que esta pessoa não existe mais e a família quer que você use para ser uma lembrança de um ente querido e para manter aquele nome vivo.

Antigamente, existia uma Aldeia na qual moravam várias famílias, e lá moravam também um rapaz e uma moça que tiveram um relacionamento, nessa relação a menina acabou engravidando.

O pai da menina quando soube da notícia ficou muito bravo e com vergonha, por esse motivo o pai da menina foi embora. Antes de ir embora, o pai da menina disse a ela que iria caminhar e toda vez que fizesse uma parada iria fazer uma fogueira, assim ela ficaria sabendo onde deveria parar quando fosse atrás do seu pai.

Depois de um tempo a menina resolveu ir atrás da sua família, caminhou bastante e chegou ao primeiro pouso que tinha um córrego, lá encontrou um peixe que chamamos de piauí e na língua materna Manoki se chama Walaku, ele disse para mulher: - se seu filho for menino coloque o nome de Warakuxi.

Ela continuou caminhando e encontrou o matrinxã que chamava mia, ele disse: - se o seu filho for menino coloque o nome dele de Nãpuli. A menina caminhou mais um pouco e encontrou outro córrego e falou com o cará chamado Taapasi que disse: - se você tiver uma menina coloque o nome de Atusi.

Em outro pouso que o pai da menina fez encontrou o pacu, kalapy, ele também deu uma sugestão de nome para a menina, disse que poderia colocar o nome de Marikjanenju. E assim vieram outros peixes, como o peixe traíra chamado de Paruli e sugeriu nome de menino que seria Napoku.

A menina também encontrou junangueza Aloupxi, que disse: - se o seu filho for menino coloca o nome de Tupxi. No final a menina deu à luz a um menino, que chamou de Napoku.

A onça que pegou uma criança e um tição de fogo

Em entrevista com a Rosinês Kamunu, ela lembra a história que seu pai contou e ele havia ouvido com seu pai, o avô dela, ele afirmava que estava neste local presenciou todo o acontecimento com aquelas pessoas que ali estavam.

Como os Manoki sempre andavam de um lugar para outro, construíam suas casas provisórias de palha de buriti. Uma noite tinha uma criança que chorava muito e sua mãe não conseguia agradar, logo viram uma onça entrar como se fosse um vento, pega uma criança e um tição de fogo e sai, leva a criança para um capão.

As pessoas vão atrás e conseguem bater na onça, mas não conseguem matá-la e desistem. No dia seguinte fogem para longe, vão para outro lugar e constroem as suas casas.

Logo à noite quando estava um silêncio ouvem um barulho, como se uma pessoa havia batido no pé de buriti com cabo de machado, todos já ficaram assustados e estavam com suas redes atadas bem altas com medo da onça.

Não demorou muito a onça chegou e entrou na casa, foi direto à rede da mãe da criança que ele havia pegado e a agarra e dá vários arranhões. Todos estavam preparados com pau afiado e flechas e conseguiram matar a onça.

Revoltados queriam tirar o fígado da onça para comer, uns alertaram: - não pode abrir a barriga da onça, deve ser um espírito mal e vai nos prejudicar.

Mesmo assim uns teimaram e abriram a barriga da onça, o sangue pegou nas mãos e braços, neste local saiu a pele dessas pessoas que tiveram contato com o sangue da onça.

Ela faz questão de afirmar que foi uma história verdadeira porque o seu avô estava lá neste local que aconteceu. Diz ainda que seu pai contava muitas histórias durante a noite, já a sua mãe não sabia muitas histórias porque foi muito criança para a casa das irmãs e não teve sua infância na aldeia para poder aprender.

CAPÍTULO 5

OS MARCADORES DE TEMPO MANOKI

Segundo o Lourival Mampuche há dois períodos principais do ano: o período da seca (**iwujohu**), tempo em que a mobilidade é sempre maior, mesmo nos dias atuais, quando havia a preponderância das atividades e acampamentos de pesca. Este período compreende no mês de março a agosto.

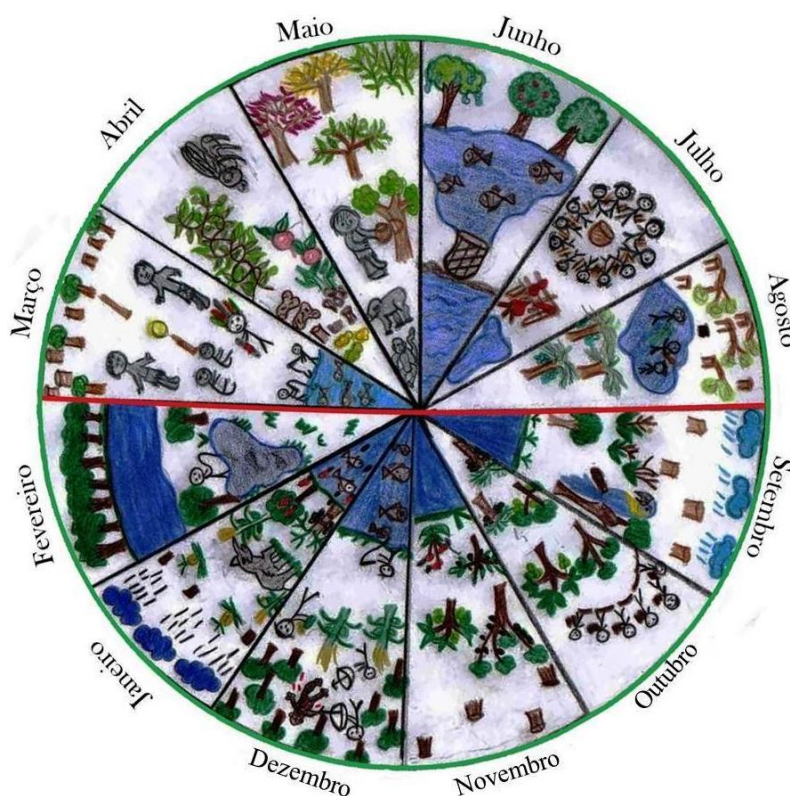
O período de setembro a fevereiro é a época da chuva (**mátasohu**) era quando existia um privilégio de acampamentos de caça. Hoje os acampamentos têm sido raros devido às diversas atividades nas aldeias que ocupam o tempo das pessoas, inclusive a própria escola e outros serviços remunerados, como na área da saúde.

Esse tempo ou época, como os anciãos chamam, são observações feitas por uma pessoa ou por um grupo, levando em conta o meio ambiente, suas crenças, seus conhecimentos culturais e suas histórias. As atividades de caça ou pesca, de trabalhos, de coletas de frutas, de pegar filhotes de pássaros são realizadas nos tempos chuvosos e seca, aprendizados a partir da compreensão do meio em que vive relacionado a observação.

Os marcadores de tempo indígenas são entendimentos que determinados grupos culturais desenvolvem sobre si, o outro e sobre o ambiente do qual fazem parte, no ato de habitar o seu lugar. São leituras das informações explícitas ou implícitas nas manifestações dos seres – humanos, da natureza e do mundo espiritual – que coabitam seu território. São as interpretações ou as significações atribuídas às diferentes manifestações desses seres ao se solidarizarem no modo de viver. (SEVERINO-FILHO, 2015, p.14).

Severino-filho (2015), organiza os marcadores de tempo em dois grupos: o grupo de Marcadores de Tempo Percebidos no Ambiente – do qual fazem parte as fases de vida das pessoas e os marcadores observados na natureza – e o grupo dos Marcadores de tempo Instrumentais – composto pelos instrumentos confeccionados ou adotados como ferramentas de planejamento, avaliação e acompanhamento do tempo.

Figura 12 - Calendário anual Manoki



Fonte: professores Manoki, construção do calendário no PPP da Escola Cravari – 2019

Este calendário foi construído pelos professores Manoki na formação continuada em que deveríamos rever o nosso Projeto Político Pedagógico - PPP da Escola Cravari em 2019. O PPP já existia e os professores não tinham acesso ou poucos sabiam da sua importância. Em 2009, quando foi criada a Escola Estadual Indígena Tapurá Irantxe, foi feita uma reunião com toda a comunidade para construir o PPP. Nessa ocasião estavam presentes a Funai e Opan (Operação Amazônia Nativa), que dividiram o ano para o povo Manoki em 12 meses, uma influência do calendário ocidental, os anciãos apenas foram falando as atividades que faziam em cada parte do ano que seria os meses.

Então em 2019, com professores formados e com mais conhecimentos que pegamos o PPP e fizemos os desenhos para cada mês. Com a ajuda dos anciãos fomos inserindo mais informações e realizando a nossa própria pesquisa para termos um calendário próprio do povo Manoki.

Depois comecei a perceber que os Manoki não seguem os 12 meses, poderia ser 12 atividades que marcavam tempo para eles, dentro dessas 12 atividades há inúmeras atividades realizadas durante um ciclo.

Desta forma organizo o tempo Manoki fazendo três classificações para melhor compreensão, sendo os marcadores de tempo terrestre, celeste e instrumental.

Marcadores de tempo terrestre Manoki

Os marcadores de tempo terrestre compreendem os animais, as aves, a vegetação, o aparecimento de flores, as cheias do rio, a seca da lagoa e os insetos.

Marcadores de tempo terrestre Manoki

Passarinho tesoureiro – este passarinho mora no céu, na aldeia grande aonde as almas dos mortos vão, ele aparece na terra quando a chuva vai chegar. É de cor preta e tem seu peito branco, tem em sua cabeça por baixo da pena preta tem penas amarelas, o rabo parece com uma tesoura aberta, por isso o nome de tesoureiro.



Fonte: wikiaves.com.br – passarinho tesoureiro

Tustu'i - Gavião tesoureiro este gavião é bem parecido com o passarinho tesoureiro, a diferença é o seu tamanho, é maior, aparece geralmente no tempo da tanajura (Iti), quando os Manoki veem muitos gaviões voando é sinal de que estão comendo o siriri ou a tanajura, nesse momento muito pessoas saem para procurar, a tanajura é um alimento tradicional dos Manoki e nesse tempo os peixes são visíveis nos rios, pulam muito para comer a tanajura que estão caindo na água e fica bom para pescar.



Fonte: wikiaves.com.br – Gavião tesoura

Tupã – este capim é rasteiro, tem suas folhas e caule fino, quando começa a secar é sinal que está chegando o tempo da seca;



Fonte: Edivaldo – 2022

Curiango – uma espécie de curiango (xirosi) que indica o período da seca, quando este chega à terra começa a cantar, é sinal de que os Manoki devem tomar banho de madrugada e lavar seus materiais de casa, peneira, machado, flecha, arco, panelas, cabaças. Este curiango vive na aldeia grande das almas, lá ele vive derrubando o pó de pessoas que já morreram nas pessoas vivas aqui na terra, por isso é necessário banhar nesse período que ele vem para a terra fazer sua procriação e evitar ficar doente, levar picada de cobra, ser ferroadado pelo marimbondo ou ser mordido pela aranha. Os anciãos pedem que este curiango trás para terra os alimentos bons, fartura na caça e pesca tudo falado na língua materna. (não foi possível fazer a tradução da língua materna);

Fruta de pomba – é uma fruta bem pequena de cor vermelha, quando ela está madura significa que a pomba já tem seu filhote e busca esta frutinha para alimentar o seu filhote. Os Manoki sabem que a pomba já tem seu filhote nesse tempo e sua procriação está garantida.

Cigarra – o início da chuva é percebido depois de um período de seca quando começa a trovejar, são trovões sem chuva e a cigarra (aku) começa a cantar, os mais velhos dizem que ela está chamando a chuva e devem logo queimar a roça porque logo vai chover.

Marcadores de tempo celeste Manoki

Pijãpa jewja ma'i - Estrela da manhã - é um indicativo que o dia está surgindo, aparece do lado leste, é uma estrela grande, com maior luminosidade, é observado quando está quase amanhecendo, foi por esta estrela que a mulher que matou seu esposo se orientou para ir embora como relata na história “Arco íris no sol”. Geralmente na seca é mais fácil de ver esta estrela.

Irehi - Sol – o sol é um marcador de tempo diário, os Manoki usam para saber se é bem cedo ou se já está esquentando o tempo, se é meio-dia ou final da tarde. No final da tarde as crianças não devem ficar andando em volta da aldeia, devem já tomar banho e ficar em

casa, nesse período os bichos¹ estão em torno da aldeia para pegar a alma de pessoas, principalmente das crianças que são mais vulneráveis.

Werapu - Lua – para realizar as visitas ou fazer o jogo de Ājali pypi (cabeçabol), os anciãos de uma aldeia combinavam usando a lua, se nesse período estivesse na lua cheia combinavam para a próxima lua cheia, nesse caso a visita ou jogo seria daqui á um mês e tinha um tempo para a preparação.

O Lourenço Inácio Janaxi de 53 anos em entrevista me explica que para sondar a noite, deve estar escuro, sem a lua que clareia muito, na lua cheia ficam na espera da paca no pé do jambo ou outra fruta até quando a lua aparece, ela aparecendo é hora de ir para a casa. Ele diz ainda que aprendeu que olhando para a lua nova é possível ver se vai chover ainda em tempo de chuva, se ela estiver bem na vertical, reta, não vai chover, se ela estiver um pouco na horizontal é sinal de chuva ainda.

Pijāpa jewja - Estrela vermelha - O Mauricio Tupxi olhava para o céu e observa uma estrela bem vermelha, ele dizia que esta estrela ao cair na terra ela vira um pássaro chamado macuco, este pássaro mora no céu, é uma estrela, só vem para a terra na época da seca. Não existe uma ou duas estrelas específicas que pode ser o pássaro, quando um Manoki olha para o céu e localiza uma estrela brilhante e vermelha, este é o pássaro. Esta ave é caçada na época da seca no momento que ele pia á tarde, à noite é procurado com a lanterna, no passado era procurado com fogo, às vezes o macuco dorme em árvore alta outras vezes em árvores bem baixa.

Arco íris no sol ou lua – conhecido na língua materna de tapokuli ou tapokujohu, é um fenômeno observado na lua ou no sol e para os Manoki não é algo bom, pode ser a chegada de uma doença, alguém vai morrer ou vai ficar doente. Na história “Arco íris no sol” fala desse fenômeno em que uma pessoa desconfiava que a outra tivesse feito algo de errado, por isso havia o arco íris no sol. Se o arco íris não fechar por completo em torno do sol, significa que haverá uma saída, uma solução para o problema que virá, se o arco íris fecha por completo o sol ou a lua é sinal que não terá nenhuma saída.

Sol amarelado à tarde – o Manoel Kamuxi disse que o sol bem amarelado a tarde e um tempo triste, a aldeia está em silêncio é porque a pessoa que morreu foi enterrada de costa para o sol, o sol está refletindo em seu rosto. A pessoa que morre deve ser enterrada com a

¹ Nome como os Manoki chamam os seres sobrenaturais que pegam a sua alma e fazendo com que você fique doente e os médicos não descobrem a sua doença, quando não se consegue curar com ajuda de pajé a pessoa pode morrer.

cabeça para onde o sol se põe isso porque quando um Manoki se levanta pela manhã ele olha em direção ao sol. Kanuxi explica que isso acontece não só quando morre um Manoki, se o sol estiver amarelado é porque alguém distante foi enterrado com a cabeça do lado errado, de acordo com a crença dos Manoki.

Marcadores de tempo instrumentais do Povo Manoki

Pakjulawa - Corda de tucum com nós – os Manoki utilizavam uma cordinha de tucum, iam no campo para pegar a folha do tucum e dobrando a folha ao contrário puxavam uma fibra, com várias fibras faziam uma trança formando uma corda com grande resistência.

Com várias fibras torcidas e fazendo as emendas é possível fazer uma corda bem grossa, comprida e resistente, as cordas mais grossas é para atar a rede, a fina serve para colocar no arco, outros mais finos servem para enfiar as sementes e fazer colares.

Na caçada ou pescaria uma corda curta e não muito grossa serve para os Manoki marcar os dias, quando iam para essas atividades e ficavam uns dias acampando levavam essa corda com vários nós e deixava outra na aldeia ou na sua casa com a mesma quantidade de nós, todos os nós representa os dias que iriam permanecer fora da aldeia.

Cada dia que passa desamarra um nó da corda que foi levada para um lugar distante e na aldeia também um nó é desatado, quando o último nó é desatado é o momento em que a pessoa vai chegar a sua aldeia ou na sua casa, todos já esperam por ele.

Figura 13 - Manoki marcando o tempo com uma cordinha de tucum



Fonte: Ediza Luiara Kamenbia – 2022.

Xirety – é um adorno nasal que marca a passagem da adolescência para a vida adulta de um menino, geralmente o rapaz tem o nariz furado quando atinge uma idade de 12 anos, é percebido pela mudança de voz e quando começa a querer a conquistar as meninas. O enfeite é para o nariz usado por homens e jovens, podem ser usadas nas festas tradicionais, apresentações culturais e no dia a dia.

O senhor Alonso Irawaxi (*in memoriam*) em uma conversa me explicou que não pode furar o nariz antes do tempo, isso pode prejudicar o crescimento da criança e a mesma pode não crescer.

Ele me explicou também que os artesanatos usados hoje em dia são mais para manter a cultura viva, para fazer as apresentações dentro e fora da Aldeia ou para ter seu artesanato guardado em casa. Ele já com a idade avançada vê isso como uma coisa boa, os jovens estão valorizando e seguindo aquilo que é do seu povo e mantendo a cultura viva.

No tempo dele esses artesanatos usados nas festas e rituais era para a questão estética, quando se andava com seu corpo pintado de urucum, usando enfeites de penas de aves, colares de diversas cores, xirety no nariz enfim, tinha o objetivo de chamar atenção das moças, “era para ficar bonito” diz ele.

Figura 14 - Indígena Manoki usando o xirety



Fonte: Eco4u, 2011

Sinais e codificações do tempo para o Povo Manoki

Os Manoki no passado observavam o tempo, as flores, o comportamento dos peixes, nascimento de filhotes, o rio, a enchente, o tempo da chuva e seca, crescimento de plantas, olhavam durante a noite o céu, as estrelas, a lua, o cruzeiro do sul, tudo para buscar seu o aprendizado e descobrir a melhor forma de se viver na terra.

Os Manoki tem sua crença que devem fazer oferendas de alimentos aos espíritos, com intuito de manter a harmonia entre as pessoas, meio ambiente e esses espíritos, seja alma das pessoas que já morreram ou donos dos peixes, dos animais, da mata, do morro, da água. De acordo com Diegues ele afirma que:

Um aspecto relevante das culturas indígenas é a existência de sistema de manejo que os povos têm com recursos naturais que são marcados pelo respeito aos ciclos naturais, ou seja, através de observação de sinais de elementos da natureza e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas[...]. Na visão dos povos da floresta, rios, lagos, florestas, animais, peixes e todos os seres vivos estão repletos de entes mágicos que castigam os que destroem as florestas e animais (DIEGUES et al., 1999, p. 23-24).

Os anciãos nos alertam que devemos sempre fazer as coisas certas para não sermos castigados, não podemos dizer que será feito uma oferenda e não realizar, uma vez anunciado a pessoa tem obrigação de caçar ou pescar e preparar a chicha para o oferecimento. Aprendemos também que os animais não podem ser maltratados, matar um animal apenas por matar ou ficar só baleando é perigoso, o seu dono pode vingar, destruindo o meio ambiente estamos acabando com as casas de vários seres que podem se revoltar e fazer com que a pessoa adoça ou pode ser alguém do povo ou da família.

Desta forma os Manoki tem a sua forma de observar o dia a dia e buscar o equilíbrio da sua existência, principalmente respeitar o meio ambiente e ouvir os sinais que chegam para tomar certos cuidados.

Antigamente os mais velhos usavam o tempo da natureza, observavam para saber o tempo das coisas, hoje em dia nós já estamos na tecnologia dos Kewa e fica difícil a gente aprender como antes. (Maria Angelina Kamunsti – 2022).

Esta fala está de acordo com o que o Manoel Kanuxi já falou, ele disse que hoje tem internet, celular, televisão e som, os mais novos não presta mais atenção nos avisos da natureza, não ouve mais os perigos que está chegando para tomar certo cuidado, não presta atenção nos sonhos.

Em entrevista com a Rosinês Kamunu ela também afirma de acordo com que aprendeu com seu pai:

Quando nós andávamos no mato meu pai dizia, criançada não fica fazendo bagunça, assoviando, anda quieto. Em casa durante a noite meu pai dizia criançada, fica quieto, vamos escutar o que está acontecendo no mundo. (Rosinês Kamunu 2022).

Ela brinca que ficavam pensando o que iam ouvir do mundo se não estavam ouvindo nada, mas o seu pai referia aos contos dos pássaros, barulhos da terra, ou seja, os avisos que a natureza nos ensina e também a forma de como ficar em silêncio.

Trago aqui algumas informações levantadas na pesquisa de campo e que os Manoki utilizam como avisos bom ou ruim e agouro.

Anã, um ser sobrenatural que assovia durante a noite, avisa que no dia seguinte alguém chegaria à aldeia, ele canta no tempo da seca ou chuvosa.

Mãkawã é um gavião pequeno que agoura, se ele cantar perto de casa e principalmente à noite é um aviso ruim.

Alma-de-gato (*Piaya cayana*) é conhecido pelos Manoki como tîkã, é um pássaro que avisa sobre uma notícia ruim e canta geralmente à tarde ou à noite perto da casa, às vezes ele fica cantando direto para ensinar o seu filhote ou porque está vendo uma cobra por perto.

A Rosinês conta que certo dia pela tarde estava ouvindo o tîkã cantar várias vezes, ela vai até a casa do seu filho e pede para matá-lo porque estava agourando, seu filho o mata e queima a ave. A noite chegou a notícia de que três adolescentes acidentaram de carro, mas não aconteceu nada de grave com eles.

A Rosinês lembra que uma vez tinha algumas crianças brincando, gritando, fazendo barulhos à tarde e sua mãe disse para as crianças parar com a bagunça que o tîkã iria cantar, só foi ela parar de falar que ele cantou, o aviso era que uma pessoa havia falecido em outra aldeia. Ela fala que algo ruim vai acontecer também quando você encontra duas cobras no momento da cópula

Para os Manoki quando aparece um animal muito manso perto da aldeia ou um pássaro em sua casa, este está trazendo uma novidade, pode ser algo bom ou ruim.

Quando um homem vai caçar e sua esposa está gestante dificilmente ele mata alguma coisa, geralmente só baleia o animal, isso porque a criança que está na barriga da mãe vai junto com seu pai e espanta a caça.

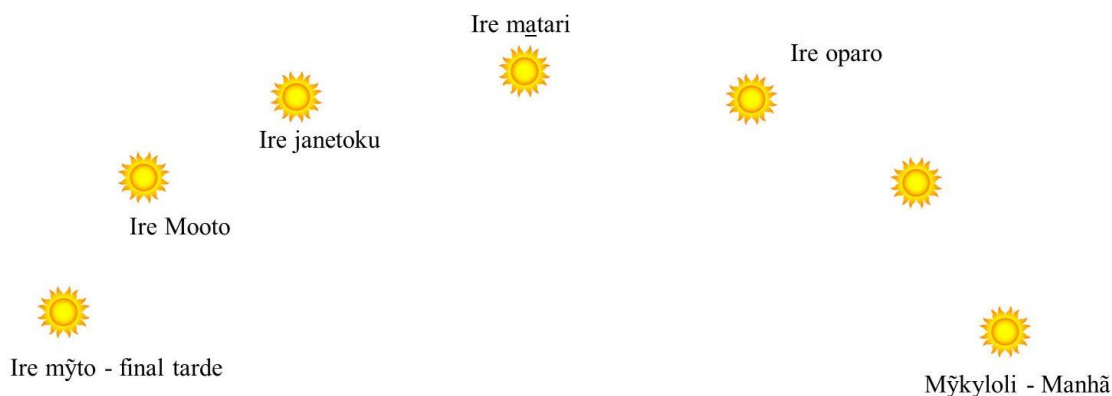
Durante o dia acontece um estrondo, o dia pode estar aberto, mas é notado o barulho, para os Manoki é a cabeça que estoura, dependendo da sua direção é alguém que vai morrer

daquela aldeia ou povo. Tem uma história que explica esse estrondo, por isso se acreditasse nisso.

Orientação pelo sol

Durante a conversa com o Manoel, ele se referencia a posição do sol como uma medida de tempo diário, uma necessidade para saber a hora que vai para a roça ou para caçar, que horas vai voltar e saber o momento em que as crianças não podem ficar brincando ao redor da aldeia.

Figura 15 - Posição do Sol e sua indicação de tempo



Fonte: Pelo Autor (2021)

Pesca artesanal com timbó

O momento mais esperado por todos na época da seca, reunia famílias de outras aldeias para ir junto bater o timbó e pegar peixes.

Iam mulheres, homens, crianças, jovens e adolescentes, preparavam o arco e flecha para flechar os peixes e no dia marcado saíam cedo a pé, andavam um total de 15 km, as crianças pequenas eram carregadas pelos seus pais ou irmãos mais velhos. Dentro do território do Povo Manoki existem algumas lagoas em que todo ano batiam o timbó, todo ano tinha peixe, não acabava ou diminuía.

Figura 16 - Cipó timbó, utilizado na pescaria



Fonte: Dulcilene, timbó de cipó - 2022.

Geralmente, nessa época ficavam uma semana pescando, se fosse ao local onde tinha umas três lagoas ficavam uma semana se tivesse só uma permanecia ali pelo menos dois dias. O timbó é um cipó que retiram em qualquer lugar da TI, no local das lagoas sempre, são cipós compridos que são cortados mais ou menos uns 80 cm de comprimento e fazem feixes amarrado com embira, com um pedaço de pau começam a bater nos cipós para que saia o sumo, uns começam batendo o timbó na beira da lagoa e outros vão ao meio. Quem vai ao meio da lagoa coloca duas varas como se fosse x e do outro lado mais duas varas, em cima vai o timbó que será batido e colocado na água algumas vezes, essas 04 varas é para segurar o timbó e facilitar a batida.

Os Manoki sabiam o tempo certo de bater o timbó, sabiam que a lagoa já estava vazia, conversando com Rosinês, ela me conta que o seu pai olhava o capim tupãsi para ver se estava seco, se estivesse seco a lagoa também estaria secando. Outra forma mais prática de ver se a lagoa estava secando é ir ao local, caminhar uns 30 km para ir e voltar, às vezes era preciso ir duas ou três vezes para verificar a quantidade de água e saber se já estava bom para bater timbó.

O timbó usado é um cipó (Veja na figura 13) e o outro era a casca de uma espécie de pequi do mato, a semente do caroço desse pequi serve para comer. Para pegar este pequi com a casca deveria subir na árvore e derrubar, fazia um buraco no chão e colocava as cascas para socar, depois de ficar bem moída era só colocar na água em diversas partes da lagoa.

Figura 17 - A Pescaria com Timbó



Fonte: *Josinei Romolu Maty'y.*

Nessa época da seca pegavam muitos filhotes de periquito para criar, eles fazem seus ninhos no cupim em cima da árvore.

A Maria Angelina Kamunsti conta que no tempo que tinha muito velhos era muito animado, saíam juntos para bater o timbó e voltava juntos, quando chegavam à lagoa uns iam cortar o timbó e baldear e outros iam limpando o acampamento, todos conversando, rindo e falando na língua materna.

Ela diz que ao mesmo tempo em que era animado era triste também, porque os velhos começavam a falar na língua e lembrar-se das pessoas que já passaram por ali e haviam falecido, lembravam-se das conversas e brincadeiras e choravam em memórias desses entes queridos.

Para bater o timbó o dia deve estar bem quente, em dias frios os peixes não morrem, tinha umas regras que precisavam ser seguido, a mulher gestante não poderia entrar na água porque os peixes não morrem e o marido dessa mulher também não podia, porque o veneno do timbó iria fazer mal ao seu filho.

Tempo das crianças – poção

Ao centro da Aldeia Cravari passa um córrego chamado São Domingos, é um espaço público aonde todos ou a grande maioria vai tomar banho, na época da seca em que o calor é intenso, na época da chuva é menos frequentado.

Desde a minha infância este espaço já era conhecido como poção, não é um poço fundo e no passado era bem mais estreito, hoje o córrego neste espaço é mais largo e raso, água clara e limpa.

Muitas famílias e principalmente as crianças frequentam este espaço, quando chegam pessoas de outras aldeias é nesse espaço que tomam banho. As crianças aprendem a nadar desde pequeno, parece que no poção estão sozinhas, mas estão acompanhados de seus irmãos maiores ou um adulto que está por perto cuidando, brincam na água até ficarem com frio, depois saem e esquentam e voltam a tomar banho.

Figura 18 - Crianças tomando banho no Córrego São Domingos



Fonte: Dulcilene Inês Kutitsi - 2022

Geralmente, sempre tem alguém cuidando, não importa se a criança não faz parte da sua família, todos tem o direito se preocupa com as crianças. As crianças de 02 anos brincam no raso, as crianças de 07 anos que já sabem nadar brincam em cima das árvores na beira do córrego, ou ficam pulando de uma corda que amarraram no pé de uma figueira.

Logo após o almoço é possível notar as crianças descendo ao poço para tomar banho, no verão passam quase que o dia inteiro no córrego, seus pais em algumas vezes vão buscar seus filhos para o almoço, porque não voltam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa representa uma oportunidade para a inserção de novos conhecimentos na relação de aprendizagem vivenciada no cotidiano, nas experiências, no contato com a natureza e na busca da ecologia do saber valorizando o conhecimento cultural por meio da interação das disciplinas das áreas do conhecimento com os saberes originais do povo Manoki.

Esta relação de respeito com a natureza e os cuidados são resultados de aprendizagem ao longo do tempo, seja na observação da mudança de comportamento de animais, na florada, no nascimento de aves, na posição de uma estrela ou na observação da lua e do sol.

Os seres sobrenaturais são importantíssimos para os Manoki porque indicam caminhos, ensina respeito, marcam tempo de fazer as oferendas e manter o equilíbrio entre meio ambiente e os Manoki.

Ainda assim, verificamos que atualmente existem poucas pesquisas relacionadas ao povo Manoki, alguns materiais científicos são encontrados na área da antropologia e linguística.

Por esses e outros motivos manifesto através da pesquisa evidenciando caminhos que possam mostrar a sustentabilidade e o fortalecimento cultural deste povo, continuando com sua visão e compreensão de mundo neste contexto de coletividade e ajuda mútua na aldeia.

O conhecimento tradicional de uma comunidade indígena não é pré-lógico ou pré-científico, é baseado na observação contínua de fenômenos naturais recorrentes, que permitem a população tomarem decisões sobre o momento de conferir um caráter prático ao conhecimento ancestral.

Trata-se de um modo de fazer ciência, do uso das técnicas mais apropriadas para a resolução de situações vivenciadas no cotidiano das comunidades indígenas, que conta como a capacidade do sujeito aprender através da observação, da percepção e das múltiplas compreensões que são feitas pelos olhos dos cientistas e da cultura do observador (METZGER, 2001). Podendo, desta forma, valorizar os conhecimentos culturais do Povo e fortalecer ainda mais a sua identidade.

Por meio dessa pesquisa bibliográfica referenciei teórica dar a sustentação científica à temática abordada no que se refere às áreas do conhecimento e “O céu do povo Manoki e seus ensinamentos sobre a terra”.

REFERÊNCIAS

- AMBROSIO, A. C. S. O diálogo em Paulo Freire: contribuições para o ensino de matemática em classes de recuperação intensiva. **Colloquium Humanarum**, v. 10, n. Especial, p. 1072-1077, 2013.
- D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática. Elo entre as tradições e a modernidade**. 2a Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 110 p. (Coleção Tendências em Educação Matemática).
- FANTINATO, M. C. de C. B. **Reflexões sobre o processo de pesquisa em etnomatemática: análise de uma experiência em contexto urbano**. Horizontes, Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 43-51, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 42 ed. 2005.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 30 ed. 2007.
- _____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MATO GROSSO. **Resolução 05/2012 do Conselho Nacional de Educação Escolar Indígena**, 1999.
- _____. **Resolução 201/04 do Conselho de Educação Escolar Indígena**. CEI, 2004.
- METZGER, J.P. 2001. **O que é ecologia de paisagens?** Biota Neotrop. 1(1/2): <<http://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/abstract?temathicreview+BN00701122001>> Acesso em Ago. 2019.
- MOURA, D. H., BARACHO, M. G., PEREIRA, U. A. e SILVA, A. F. Algumas reflexões e proposições acerca do ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio. IN: Ensino médio integrado à educação profissional. **Programa Salto para o Futuro**. TV escola. Boletim 07. Maio/junho de 2006.
- SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n.78, p.3-46, out. 2007.
- SEVERINO-FILHO, J. **Marcadores de tempo indígenas: educação ambiental e etnomatemática**. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade Estado do Mato Grosso, Cáceres, 2010. 160p.
- SILVA, Adailton Alves da. **Os artefatos e mentefatos nos ritos e cerimônias do Danhono: por dentro do Octógono Sociocultural A'uwẽ/Xavante**. 2013. 346f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Julho de Mesquita Filho”. Rio Claro - SP.
- SITE CONSULTADO: <https://eco4u.wordpress.com/2011/12/20/diversificacao-cultural-acelerou-evolucao-fenotipica-dos-indios-xavante/manoki/>

FONTES PRIMÁRIAS

As minhas fontes primárias são pessoas importantes na minha pesquisa, sem eles não seria possível a realização da minha dissertação, temos poucos anciãos no povo Manoki e isso dificulta um pouco a pesquisa em relação ao conhecimento cultural. Conversei com o Cacique geral Manoel Kanuxi que é falante da língua materna e domina muito bem o português, além de ser o conhecedor das histórias Manoki, falei com o Luiz que é falante da língua materna e tem todo o conhecimento do território, das histórias e crença do povo. Entrevistei a Maria Angélica Kamuntsi que é conhecida por todos como “Vó Angélica”, pela sua generosidade e pelos seus 104 anos de idade, muitas histórias de trajetória do seu povo.

O Lourenço Inácio Janaxi que é o meu pai, sabe falar algumas frases na língua materna e é filho da Maria Angélica, é liderança da Aldeia Cravari e motorista da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena).

A Maria Angelina Kamuntsi é minha mãe, compreende tudo o que é falado na língua materna, mas, não fala, é filha do Luiz Tamuxi e sua mãe que é minha avó já faleceu em 1998, tem todo o domínio de tempo das plantações e época de fazer a roça, faz farinha, massa de mandioca para beiju, faz artesanatos Manoki, prepara todo oferecimento para os nossos espíritos de acordo com as regras, herança aprendido com sua mãe. Ela também é agente de saúde indígena há mais de 20 anos;

A Rosinês Kamunu é liderança da Aldeia 13 de Maio, seus pais eram falantes da língua materna e ela tem todo o conhecimento da língua materna, mas não é falante, trabalha com roça e faz artesanatos com crochê.

- Lourenço Inácio Janaxi;
- Manoel Kanuxi;
- Maria Angelica Kamuntsi;
- Maria Angelina Kamunsti;
- Rosinês Kamunu;
- Luiz Tamuxi;

EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE

PRODUTO PEDAGÓGICO

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

JOSI, O TATU QUE ESCONDIA O DIA E O MENINO MANHOSO QUE DESCOBRIU O SOL

Barra do Bugres - MT

Outubro 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

MAMPUCHE, Edivaldo.
M263j Josi, o Tatu que Escondia o Dia e o Menino Manhoso que
Descobriu o Sol / Edivaldo Mampuche - Barra do Bugres, 2023.
21 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em
Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural
Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado
de Mato Grosso, 2023.
Orientador: João Severino Filho

1. Mitos do Povo Manoki. 2. Etnomatemática. 3.
Marcadores de Tempo. I. Edivaldo Mampuche. II. Josi, o Tatu
que Escondia o Dia e o Menino Manhoso que Descobriu o Sol: .
CDU 372.851

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE

JOSI, O TATU QUE ESCONDIA O DIA E O MENINO MANHOSO QUE DESCOBRIU O SOL

Produto Pedagógico relacionado à Dissertação de Mestrado “O CÉU DO POVO MANOKI E SEUS ENSINAMENTOS SOBRE A TERRA”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), Nível Mestrado Profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT) Campus Universitário “Dep. Est. Renê Barbour”, de Barra do Bugres - MT, como um dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Aprovado em 23 de novembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



JOAO SEVERINO FILHO
Data: 10/04/2023 22:35:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Severino Filho (PPGECII/UNEMAT)
Orientador

Documento assinado digitalmente
 ADAILTON ALVES DA SILVA
Data: 11/04/2023 22:07:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva (PPGECII/UNEMAT)
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 SINVAL DE OLIVEIRA
Data: 11/04/2023 14:30:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Sinval de Oliveira (UFT)
Examinador Externo

Barra do Bugres - MT
2022

Introdução

Este trabalho trata-se de um Produto Pedagógico, resultado de estudos como aluno no Programa de Pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH na UNEMAT de Barra do Bugres MT, onde escrevo duas histórias em quadrinhos: “Josi, o tatu que escondia o dia e o Menino manhoso que descobriu o sol”, ambas pesquisadas e compreendidas no contexto da Dissertação de Mestrado “O CÉU DO POVO MANOKI E SEUS ENSINAMENTOS SOBRE A TERRA”.

Em conversa de whatsapp chamei a aluna do 1º ano Sílvia Sullen Kerival, o aluno do 2º ano Josinei Romulo Maty’y, estudantes da Escola Estadual Indígena Tapura – Sala Anexa Cravari e a ex-aluna Edilza Luiara Kamembia, estudante de enfermagem para um diálogo em minha casa, expor a ideia do produto pedagógico a ser elaborado a partir da minha dissertação de mestrado que tem como título, **“O céu do povo Manoki e seus ensinamentos sobre a terra”**.

Marcamos o encontro em minha casa às 15h00min do dia 04 de Setembro de 2022, pontualmente todos estavam presentes para a conversa. Expliquei sobre o meu trabalho de pesquisa e o produto a ser elaborado que é duas histórias em quadrinhos e que iria precisar deles, porque são ótimos desenhistas. A princípio eu ouvi de cada um sobre a sua aceitação em fazer parte deste trabalho e se preferiam fazer os desenhos em uma oficina ou desenhar em casa de forma mais individual.

Todos concordaram em fazer parte deste trabalho e preferiram desenhar em casa, até porque a Edilza mora na cidade por conta do trabalho e estudo e só vem para a Aldeia no final de semana.

O nosso acordo é que até no dia 06 de Setembro de 2022 eu já teria em mente qual história ou quais histórias iríamos ilustrar, bem como as cenas que iriam fazer, até neste momento eu não tinha decidido quais histórias iria fazer parte do meu produto pedagógico.

No dia 08 de Setembro passei por escrito toda a parte das cenas da história Josi, o tatu que escondia o dia e estes alunos escolheram quais cenas iriam ilustrar, disseram que em 05 dias já entregariam.

No dia 10 de Setembro, final da tarde com o som da natureza em silêncio, uma tarde triste, tempo parado, mesmo assim o time feminino estava no campo, tinham acabado de começar o jogo e chega uma notícia de que havia um acidente na Aldeia Utariti há 60 km da nossa Aldeia e morreu duas pessoas, não sabia quem eram e está Aldeia fica dentro do Território Indígena Utariti do Povo Parecis.

O futebol acabou na hora, todos ansiosos porque tem parentes que moram nesta Aldeia, logo os comentários surgiram do tipo, disseram que mesmo com o tempo limpo, sem chuva, a energia havia acabado e diferente dos outros dias demorou a voltar, como se estivesse avisando que o futebol deveria parar.

Em suas casas buscando informações nas redes sociais descobriram que um menino que faleceu foi morador da nossa Aldeia, estudou por aqui, sua avó, seus irmãos, seus tios e tias moram aqui, ele participava ativamente dos momentos culturais porque seu avô já falecido era falante da

língua materna e era o professor da crença Manoki. Este menino tinha apenas 14 anos e o outro era morador de lá mesmo e tinha praticamente a mesma idade.

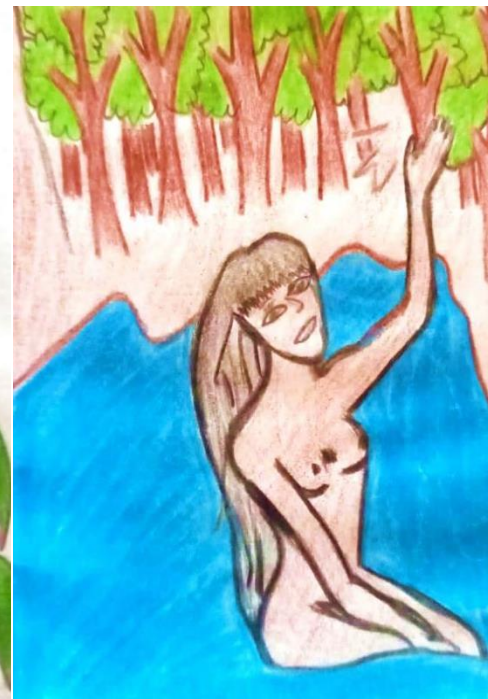
Segundo as informações estes dois meninos iam buscar refrigerante numa aldeia perto, uns 16 km, logo ao sair da Aldeia estava chegando uma F 4000 com farol do lado esquerdo queimado, tudo indica que os meninos acharam que era outra moto e do lado direito na mão certa dos mesmos estava livre para a passagem, bateram de frente morreram na hora.

Toda essa comoção tomou conta da aldeia, meus filhos são primos desse menino que morava aqui, é sobrinho da minha esposa, me chamava de tio e sempre me cumprimentava quando me encontrava.

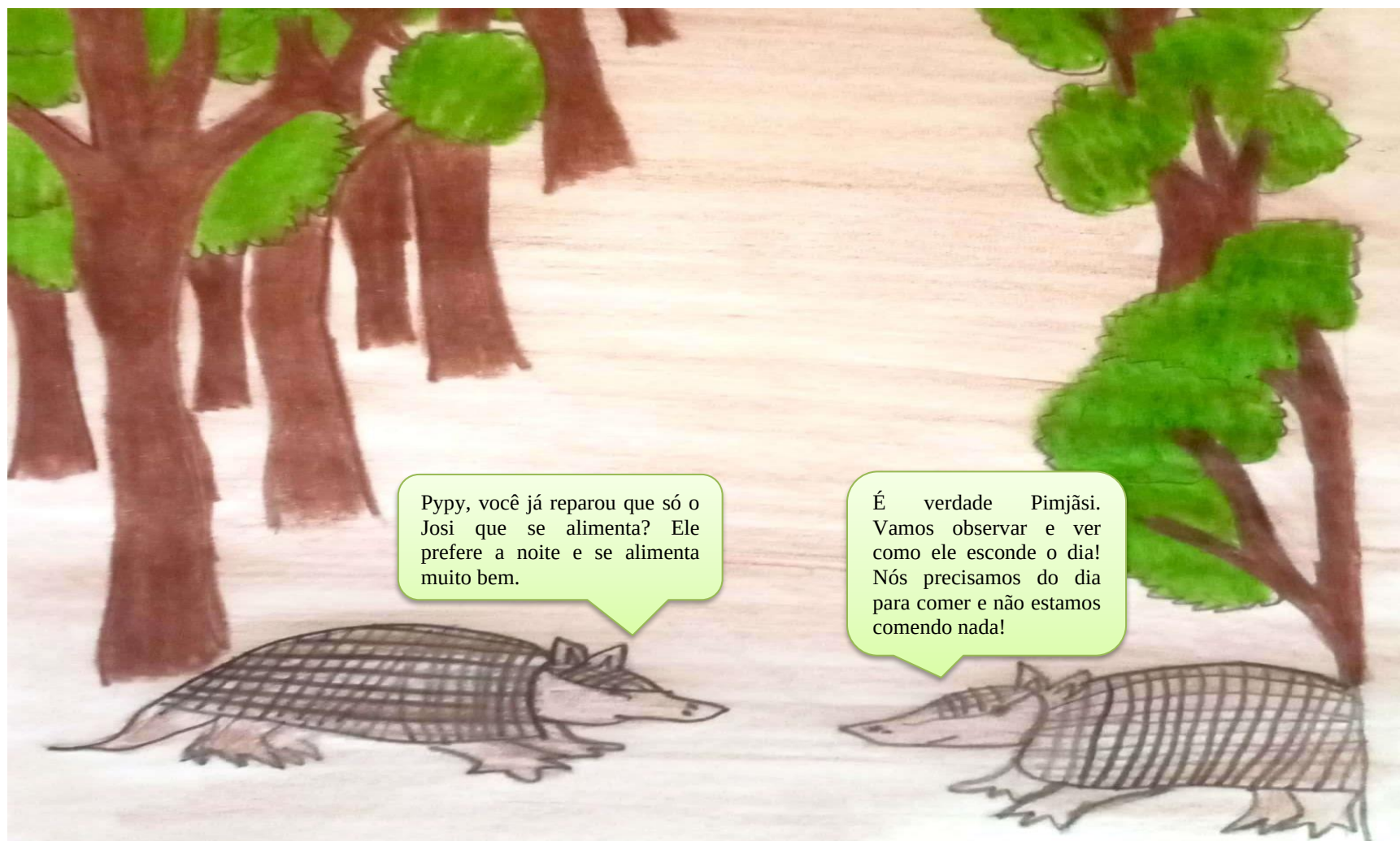
Por esse motivo demoramos um pouco para seguir os prazos e enviar o produto pedagógico em tempo programado. Assim que terminamos, enviamos para o orientador João Severino analisar e ficamos de ilustrar a última história, que ocorreu logo em seguida.

JOSI, O TATU QUE ESCONDIA O DIA

No passado para os Manoki existia apenas a noite, as pessoas dormiam e acordavam, mas, sempre era noite e suas atividades eram feitas na escuridão.



Desenho: Edilza Luiara Kamembia



Desenho: Josinei Romolo Maty'y



Desenho: Josinei Romolo Maty'y



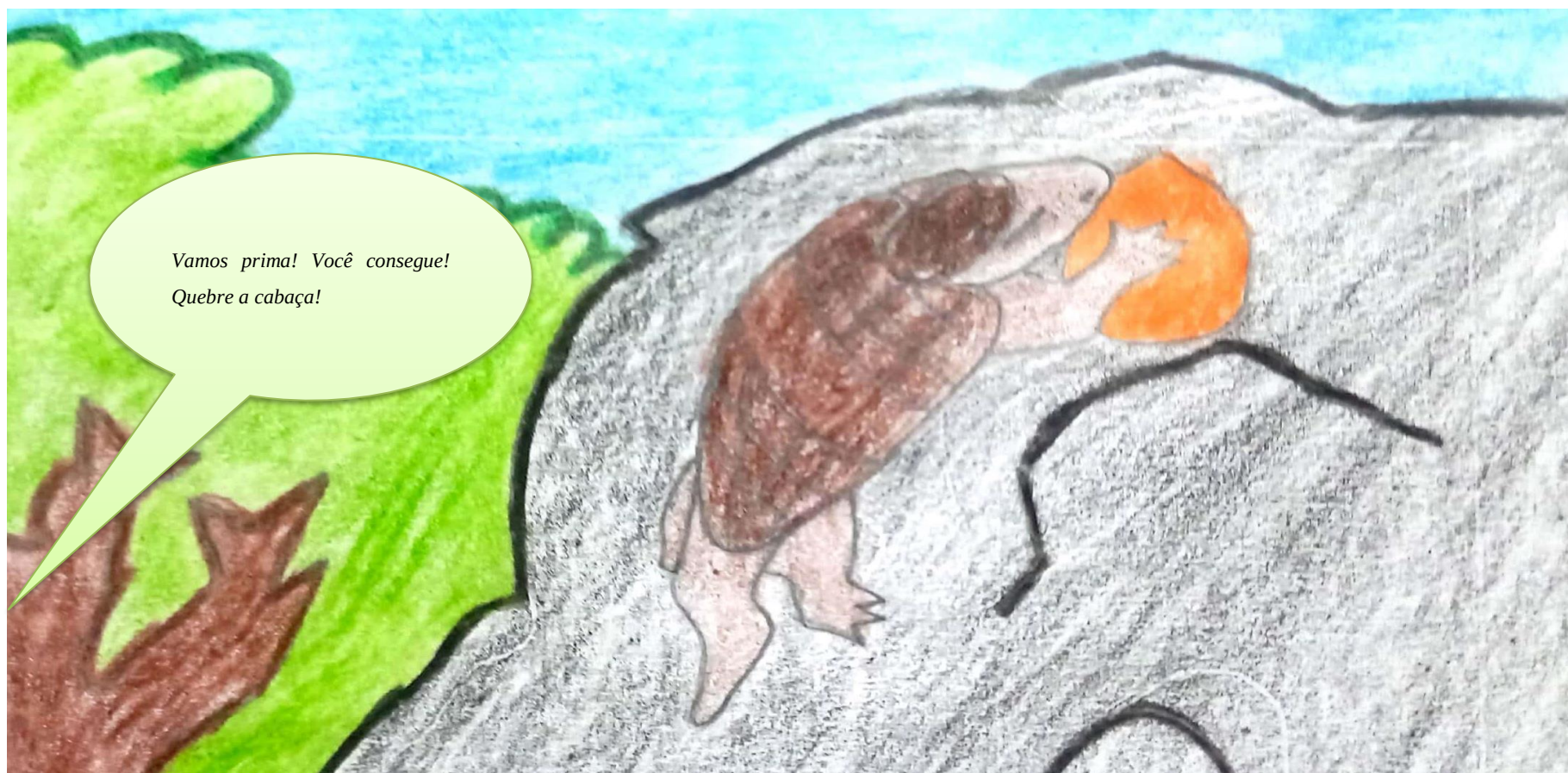
Desenho: Josinei Romolo Maty'y



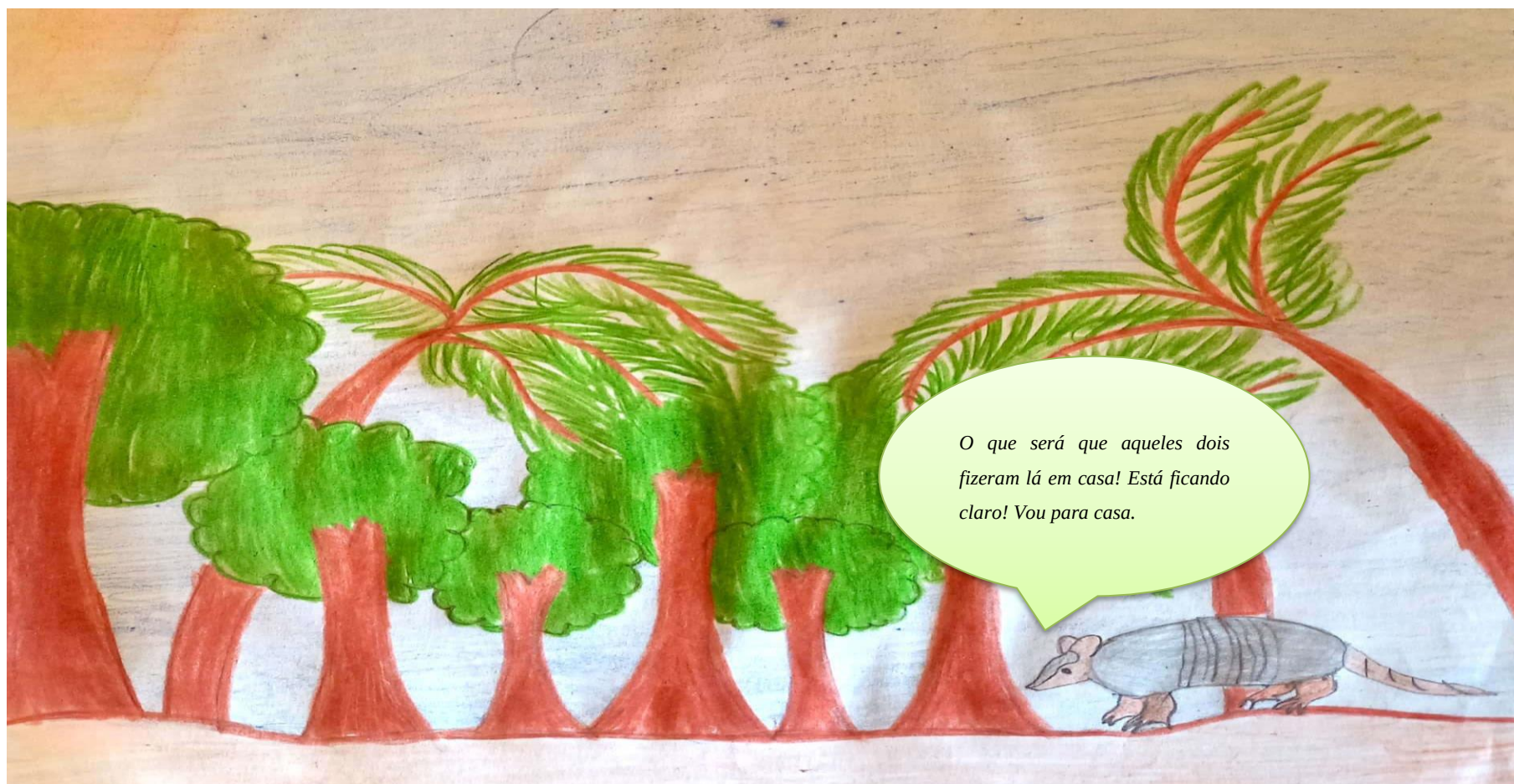
Desenho: Edilza Luiara Kamembia



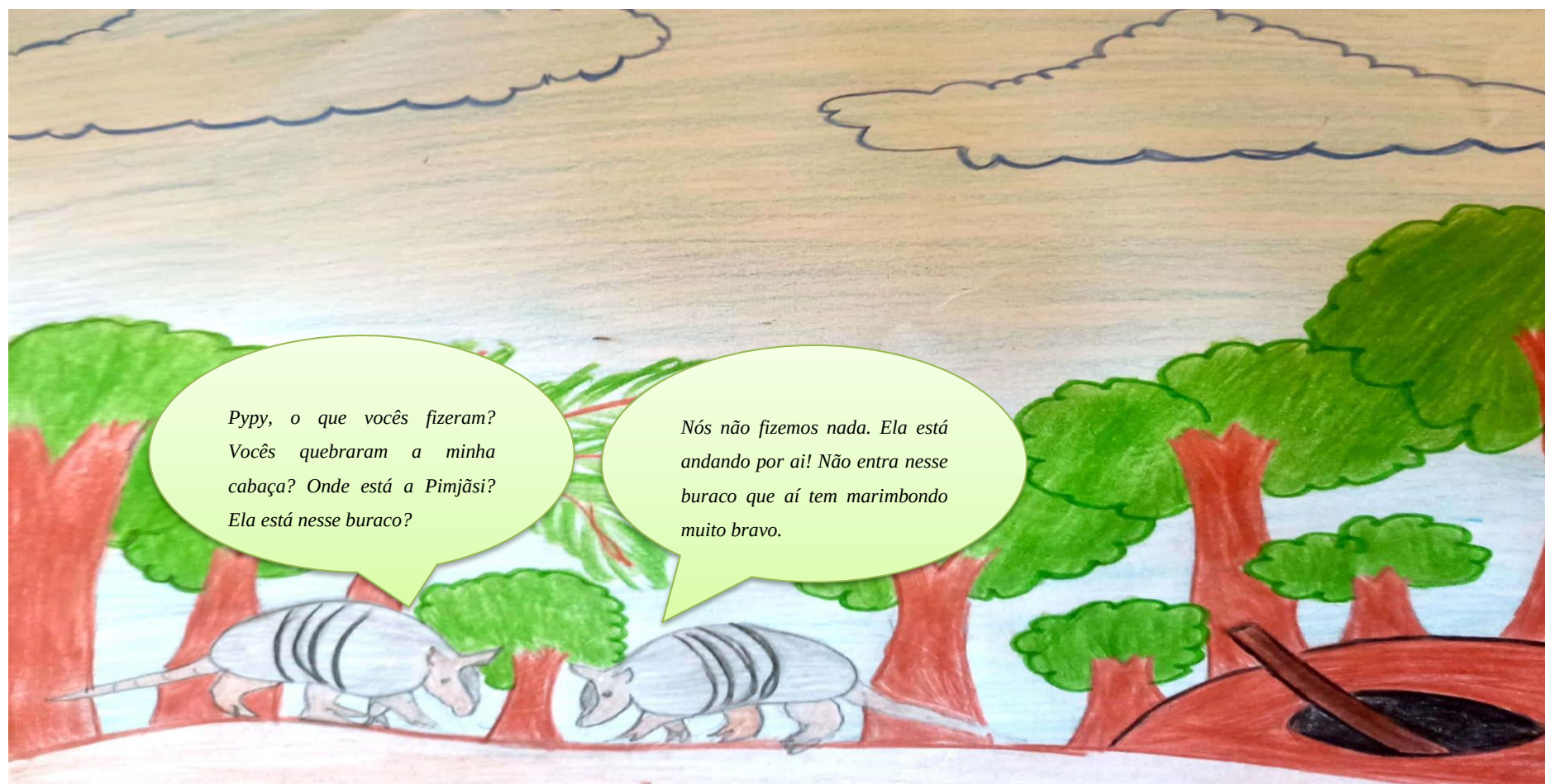
Desenho: Sílvia Sullen Kerival



Desenho: Josinei Romolo Maty'y



Desenho: *Sílvia Suellen Kerival*



Desenho: Silvia Suellen Kerival



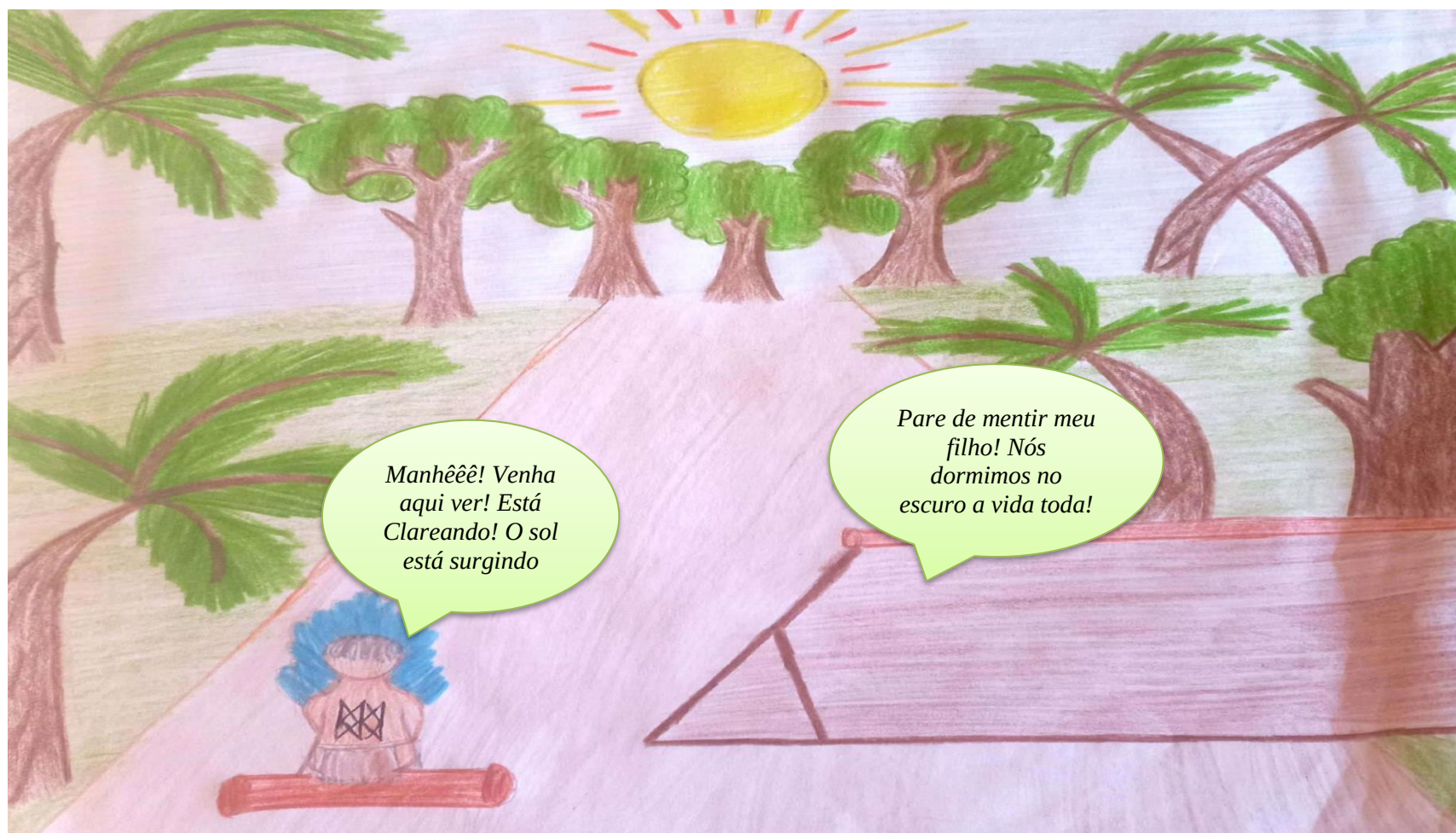
Desenho: *Sílvia Suellen Kerival*

O MENINO MANHOSO QUE DESCOBRIU O SOL

Enquanto isso na Aldeia Manoki as atividades eram feitas com fogo, os trabalhos na roça, na casa, a caça e pesca tinha sempre a presença do fogo para clarear, as pessoas dormiam um pouco e acordavam, mas sempre era escuro. Em uma casa havia um menino que sempre chorava no momento que todos iam dormir, não deixava ninguém dormir e sua mãe passou a colocá-lo fora da casa.



Desenho: *Sílvia Suellen Kerival* – 2022.



Desenho: Sílvia Suellen Kerival - 2022

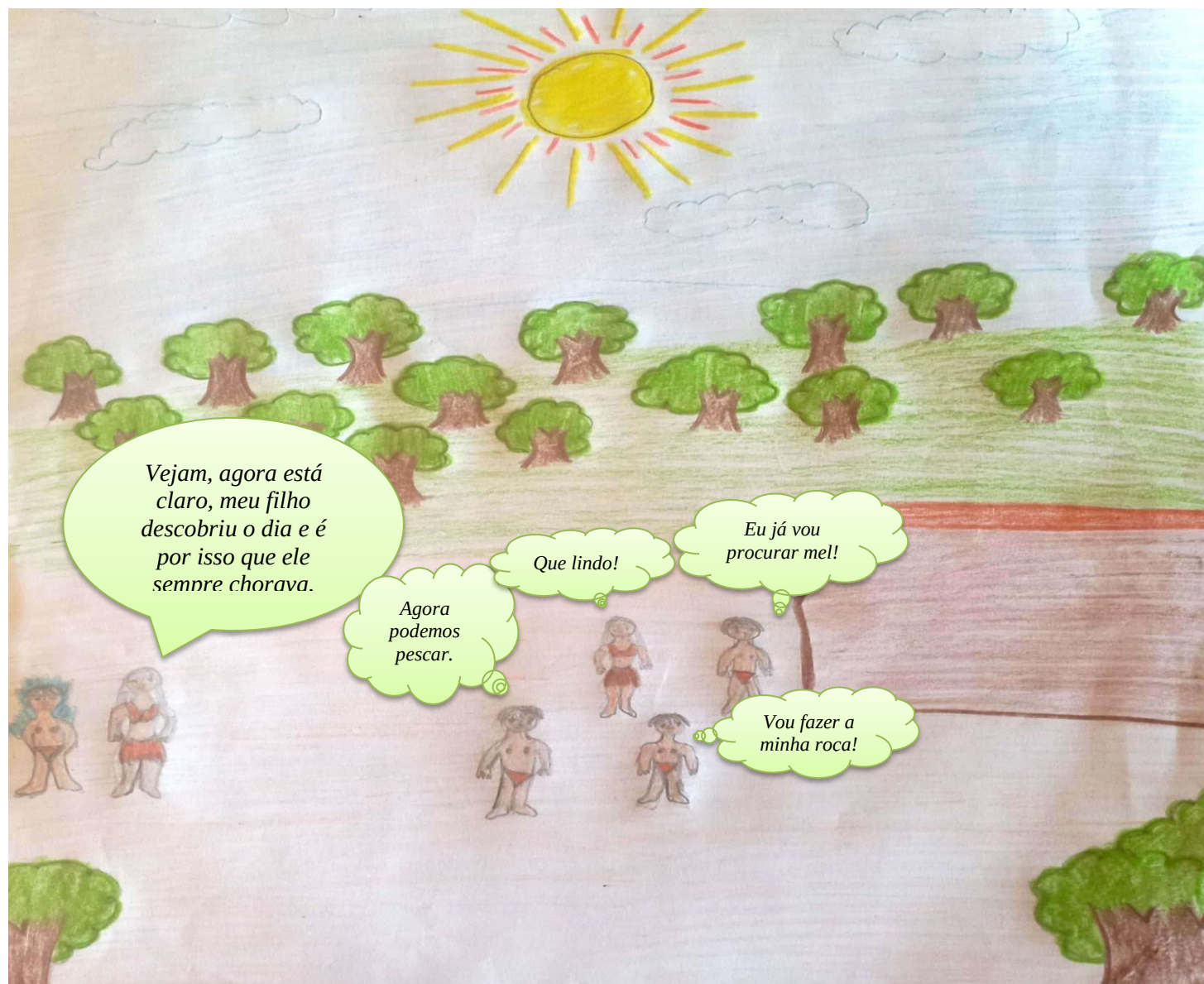
De tanto insistir a mãe do menino sai da casa.



Desenho: *Silvia Suellen Kerival – 2022*



Desenho: Silvia Suellen Kerival – 2022





Desenho: Edilza Luiara Kamembia - 2021

O sol foi subindo até chegar final da tarde, todos ficaram preocupados e tristes.



Desenho: *Silvia Suellen Kerival – 2022*

No dia seguinte o sol aparece novamente, seguindo os dias e noites até nos dias de hoje.